



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO – DEJOR
CURSO DE JORNALISMO

VITÓRIA EDUARDA SIQUEIRA GALDINO

**CAMINHANDO ENTRE DOIS MUNDOS: A EDUCAÇÃO COMO MEIO DE
RESISTÊNCIA DAS MULHERES POTIGUARA**

JOÃO PESSOA

2025

VITÓRIA EDUARDA SIQUEIRA GALDINO

**CAMINHANDO ENTRE DOIS MUNDOS: A EDUCAÇÃO COMO MEIO DE
RESISTÊNCIA DAS MULHERES POTIGUARA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Programa de Graduação
em Jornalismo da Universidade Federal da
Paraíba, como requisito parcial para a
obtenção do título de Bacharel em
Jornalismo.

Orientador: Prof. Doutor Waldelio Pinheiro
do Nascimento Júnior.

JOÃO PESSOA

2025

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

G149c Galdino, Vitória Eduarda Siqueira.
Caminhando entre dois mundos : a educação como meio
de resistência das mulheres potiguara / Vitória Eduarda
Siqueira Galdino. - João Pessoa, 2025.
69 f. : il.

Orientação: Waldelio Pinheiro do Nascimento Júnior.
TCC (Graduação) - UFPB/CCTA.

1. Jornalismo - TCC. 2. Educação. 3. Mulheres
potiguara - Documentário. 4. Indígenas. I. Nascimento
Júnior, Waldelio Pinheiro do. II. Título.

UFPB/CCTA

CDU 070(043.2)

VITÓRIA EDUARDA SIQUEIRA GALDINO

**CAMINHANDO ENTRE DOIS MUNDOS: A EDUCAÇÃO COMO MEIO DE
RESISTÊNCIA DAS MULHERES POTIGUARA**

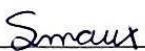
Relatório do Trabalho de Conclusão de
Curso (TCC) apresentado ao Programa
de Graduação em Jornalismo da
Universidade Federal da Paraíba, como
requisito parcial para a obtenção do título
de Bacharel em Jornalismo.

Aprovado em: 02 / 10 / 2025

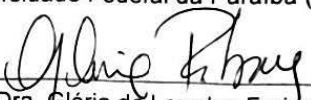
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Waldelio Pinheiro do Nascimento Junior (Orientador)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)



Prof. Dra. Suelly Maria Maux Dias
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)



Prof. Dra. Glória de Lourdes Freire Rabay
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

À vovó Zélia, que sempre acreditou em mim, cuidou e amou com tanto carinho e zelo, e à minha mãe e meus irmãos, que são parte essencial de tudo o que sou. Dedico a eles este trabalho e todo o meu amor.

AGRADECIMENTOS

Quando somos jovens, achamos que temos todo o tempo do mundo e que devemos vivê-lo intensamente. Eu, que sempre fui antiga até quando era jovem, enxergava a vida de maneira diferente. Queria ser uma boa aluna, boa neta, boa irmã e boa filha antes de querer viver qualquer outra coisa. Queria ser criança para sempre, até que não pudesse mais.

A fase adulta, sobre a qual os mais experientes falam, chegou para mim de verdade quase aos 19 anos, quando entrei na universidade. Pode parecer um pouco exagerado, é verdade, mas ser universitária em uma instituição pública era uma responsabilidade imensa para uma jovem que carregava a "vitória" no nome, mas sentia a ironia do destino a cada perda. Nos últimos seis anos, perdi um pouco da leveza da infância para as preocupações com dinheiro e boas notas. Ganhei peso e, em meio a uma pandemia que abalou o mundo, vivi dois anos inteiros esperando a oportunidade de sair. Aquele ânimo inicial que só os calouros têm, perdi também..

Mas, a verdade é que à essa altura eu tenho muito mais motivos para agradecer, tantos que encheriam as próximas páginas. A banca não aceitaria, e meu trabalho não poderia terminar assim.

Então, para encerrar esse ciclo, agradeço à vovó Zélia, a força e o combustível da minha vida. É por ela que luto e não desisto. Agradeço à minha mãe, por ter me gerado, perdoado tantas vezes minhas malcriações e impulsividade, e por nunca ter deixado de me amar. Agradeço aos meus tios Paulo Siqueira, Zivanilson, Giselia e Ângela, por me apoiarem da forma que podiam durante os últimos anos. E aos meus dois tios que não estão mais aqui: tio Chefão e Ricardo. É, também, em memória de vocês este trabalho.

Aos meus irmãos Arthur Guilherme, Gilberto Neto e Davi Goeth, por serem tão adoráveis. E às minhas irmãs, Maria Letícia e Larissa Siqueira, eu só sou porque vocês são por mim. Por fim, agradeço aos meus amigos, poucos e fiéis, que me respeitam, admiram e amam. Vocês tornaram os últimos anos realmente importantes e são parte desta conquista. São eles: Emilly Lima, Anna Vitória, Thyala, Manu e meus colegas de escola.

Um agradecimento especial a Andreza Rodrigues e Oliviene Marcelino, que enxugaram minhas lágrimas e torceram por mim tantas vezes que comecei a acreditar que poderia chegar até este dia. Agradeço, também, ao meu orientador, professor

Júnior Pinheiro, que me acolheu nestes meses, sendo um excelente ouvinte, às vezes até psicólogo e um professor excepcional, encorajando-me a fazer o melhor.

Por fim, agradeço a mim mesma, que nunca desisti de tentar realizar o sonho de uma menininha tímida e sonhadora, que tinha um sonho tão grande que nem ousava falar. É por essa versão criança que continuo aqui.

RESUMO

Este relatório apresenta o processo de produção do documentário radiofônico “Caminhando Entre Dois Mundos: a Educação como Meio de Resistência das Mulheres Potiguara”. Fundamentado nos conceitos de documentário, educação intercultural e decolonial, além da concepção de duplo pertencimento étnico, a pesquisa analisou as motivações de mulheres da etnia Potiguara, residentes em Baía da Traição (PB) e formadas em Pedagogia, buscando compreender os desafios enfrentados durante a formação e as contribuições dessa experiência para suas comunidades ao retornarem como profissionais. O estudo combinou entrevistas presenciais e virtuais com professoras, uma anciã Potiguara e estudantes universitários, além de pesquisa bibliográfica, na qual se constatou uma lacuna de materiais sobre o tema — uma das razões que justificam a relevância deste estudo. A abordagem metodológica foi qualitativa, caracterizada como investigação descritiva. O documentário de 33 minutos, resultado da pesquisa, foi disponibilizado em uma pasta no Google Drive. Os resultados indicam que, apesar dos avanços promovidos pelos marcos legais da Constituição de 1988, ainda persistem obstáculos à formação acadêmica de estudantes indígenas. Conclui-se que essa experiência representa não apenas uma conquista pessoal, mas também um ato de resistência cultural e de fortalecimento coletivo, contribuindo para a preservação da identidade Potiguara e para o desenvolvimento educacional das aldeias. O audiodocumentário pode ser acessado através do endereço: <http://bit.ly/3IRszPP>.

Palavras-chave: educação; mulheres; indígenas; resistência; Potiguara.

ABSTRACT

This report presents the production process of the radio documentary “Walking Between Two Worlds: education as a Means of Resistance for Potiguara Women.” Based on the concepts of radio documentary, intercultural and decolonial education, and the notion of dual ethnic belonging, the study analyzed the motivations of Potiguara women, residents of Baía da Traição (PB) and graduates in Pedagogy, seeking to understand the challenges faced during their academic training and the contributions of this experience to their communities upon returning as professionals. The research employed in-person and virtual interviews with teachers, a Potiguara elder, and university students, as well as bibliographic research, which revealed a gap in available materials on the subject — one of the factors that justifies the relevance of this study. The methodological approach was qualitative, characterized as descriptive research. The 33-minute documentary, a result of the research, was made available in a Google Drive folder. The results indicate that, despite the advances promoted by the legal frameworks of the 1988 Constitution, obstacles to the academic training of Indigenous students still persist. It concludes that this experience represents not only a personal achievement but also an act of cultural resistance and collective strengthening, contributing to the preservation of Potiguara identity and to the educational development of the villages. The audio documentary can be accessed at: <http://bit.ly/3IRszPP>.

Keywords: education; women; indigenous peoples; resistance; Potiguara.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Conversa no whatsapp com Eva Potiguara.....	25
Figura 2 – Conversa no whatsapp com Irembé Potiguara (Jaqueline)	25
Figura 3 – Foto com Cleide Potiguara após entrevista.....	26
Figura 4 – Antiga escola que ficava em frente a casa da avó desta autora.....	27
Figura 5 – Jaqueline durante entrevista na sede do projeto Águas Potiguara.....	28
Figura 6 – Jaqueline e a autora durante entrevista na sede do projeto Águas Potiguara.....	29
Figura 7 – Eva Potiguara e a autora na sede do projeto Águas Potiguara no segundo dia de entrevistas.....	30
Figura 8 – Entrevista realizada via <i>Google Meet</i> com a participante Cristina Potiguara.....	30
Figura 9 – Entrevista via <i>Google Meet</i> com Estevão Martins Palitot.....	31
Figura 10 – Conversa via <i>WhatsApp</i> com a estudante Layane Potiguara.....	32
Figura 11 – <i>Print</i> de tela da primeira lista de músicas da sonorização.....	35
Figura 12 – Identidade visual do documentário radiofônico	36

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
2.1	Educação Intercultural.....	14
2.2	Educação crítica e decolonial.....	15
2.3	O duplo pertencimento étnico.....	17
2.4	Os Potiguara de Baía da Traição.....	19
2.5	O documentário como amplificador de vozes e histórias.....	20
3	RELATÓRIO DE PRODUÇÃO.....	23
3.1	Pré-produção.....	23
3.2	Produção.....	26
3.3	Pós-produção.....	32
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
	REFERÊNCIAS.....	38
	APÊNDICE A – PAUTA E ROTEIRO DE ENTREVISTA COM JAQUELINE POTIGUARA E EVA POTIGUARA.....	41
	APÊNDICE B – PAUTA E ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ESTEVÃO MARTINS E CRISTINA POTIGUARA.....	44
	APÊNDICE C – ROTEIRO DE DOCUMENTÁRIO.....	46
	ANEXO – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO.....	62

1 INTRODUÇÃO

“Asé o'ar - asé oikobé - asé omanõ - yande anama te oikobé kó ybype
auieramanhene¹”

A epígrafe que abre este trabalho é um provérbio do povo Potiguara, criado pelo ancião Josafá Freire e imortalizado na canção “ASÉ”, do cantor indígena João Nyn que expressa a resiliência do povo Potiguara, pertencente ao tronco linguístico Tupi e, possivelmente, o único grupo indígena que permaneceu em seu território original desde o período colonial².

Esse ditado retrata a força e a resistência histórica dos Potiguara, tornando-se um pano de fundo essencial para compreendermos a história deste povo que ao longo dos anos resistiram a diversas tentativas de integração e assimilação forçadas, decorrentes do longo contato com populações não indígenas. (Portal Potiguara, 2022). No entanto, apesar das transformações que aconteceram, mantêm uma rica herança cultural, religiosa e histórica preservada em seu território.

Nesse contexto, a promulgação da Constituição Federal de 1988 representou um marco significativo ao assegurar a proteção dos costumes, línguas, modos de vida e tradições dos povos originários, legitimando-os como sujeitos de direitos (BRASIL, 1988). Para os Potiguara, essa conquista foi fundamental para a preservação de seus saberes ancestrais, transmitidos oralmente e por meio de rituais tradicionais (Portal Potiguara, 2022).

A constituição garantia o direito a uma educação específica e diferenciada aos povos indígenas, posteriormente regulamentado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que definiu a educação escolar indígena como intercultural, bilíngue e comunitária, respeitando os processos de aprendizagem e promovendo a valorização das culturas indígenas (Brasil, 1996).

Apesar desses marcos legais terem representado avanços, os povos originários continuam enfrentando dificuldades para a efetivação de direitos básicos, reflexo de um processo histórico de invisibilização ao qual foram submetidos. Nesse sentido, movimentos sociais formados por lideranças indígenas passaram a se mobilizar para

¹Tradução: “A gente nasce, a gente vive, a gente morre... Mas o nosso povo permanecerá nesta terra para sempre”. Provérbio potiguara recitado por Poran Potiguara e eternizado na música ASÉ, do artista João Nyn. Deu Bom Brasília.

² CAMPANILI, Maura. No mesmo lugar, desde o descobrimento. Maura Campanili. Disponível em: <http://www.socioambiental.org/website/parabolicas/edicoes/edicao58/potiguara.html>. Acesso em: 03 ago. 2024.

reivindicar políticas públicas e buscar melhorias para suas comunidades.

Um exemplo dessa busca por uma participação ativa nos espaços de decisão foi o crescimento de estudantes indígenas nas universidades. Estes espaços, onde até poucas décadas era quase inexistente essa presença, testemunharam uma migração nos últimos dez anos resultado da implementação de políticas públicas, como a Lei de Cotas.

Considerando esse cenário e a relevância do tema, a pesquisa buscou investigar as motivações, dificuldades, conquistas e o impacto da formação superior de indígenas egressos de universidades públicas e privadas, com foco no retorno às suas comunidades. Para delimitar o escopo de um tema tão abrangente, o estudo adotou um recorte de gênero e de área de formação, concentrando-se na análise das trajetórias de mulheres egressas do curso de Pedagogia.

A escolha do recorte feminino não é arbitrária, além de representarem a maioria dos estudantes indígenas dentro das universidades (cerca de 55,6%)³, esta pesquisa considera as particularidades das experiências femininas no ensino superior, buscando compreender os desafios e as contribuições trazidas de volta às comunidades, ao assumirem o protagonismo dentro dos setores que trabalham e contribuindo para a superação da histórica predominância masculina na sociedade.

O trabalho se concentra na Aldeia Forte, em Baía da Traição, município que fica no litoral norte da Paraíba. A escolha da área da educação se justifica pela relação da educação com a transmissão de saberes, áreas essenciais para o desenvolvimento e a preservação cultural das comunidades indígenas.

Além disso, a escolha também é pessoal, tendo em vista que as principais referências dentro e fora da universidade desta autora foram professores. Os objetivos envolvem entender como a experiência acadêmica, o convívio com não indígenas e o distanciamento temporário dos costumes e da família influenciaram as formações profissionais no retorno para as aldeias como professoras.

Meu interesse pessoal por esta pesquisa também surge pela minha ligação sanguínea com essa etnia. Sou filha de um indígena Potiguara, e minhas lembranças de infância se resumem a uma única visita ao território, quando tinha oito anos. Ao

³ Agência Brasil. Matrículas de indígenas em universidades subiram 374% de 2011 a 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2023-04/matriculas-de-indigenas-em-universidades-subiram-374-de-2011-a-2021>. Acesso em: 24 set. 2024.

ingressar na universidade, esse interesse adormecido foi ressignificado e transformado em objeto de estudo, resultando no documentário radiofônico que apresento aqui como produto desta pesquisa.

Essa aproximação com o tema foi uma das motivações para me encorajar a participar ativamente de todo o processo de produção do documentário, desde as entrevistas no local, a captação de imagens, seleção das entrevistadas, até a pós-produção e análise. Retornar ao território Potiguara, pela primeira vez sozinha, enfrentando medos e inseguranças, considero que essa experiência contribuiu não apenas para minha formação acadêmica, mas também despertou minha conexão identitária.

Nesse contexto, o documentário radiofônico que norteia este TCC surge como uma ferramenta metodológica potente para dar voz a essas trajetórias, permitindo uma imersão profunda nas experiências das protagonistas e na riqueza da cultura Potiguara. Através de entrevistas, sons ambientes e narrativas construídas, convido o leitor a desvendar estas histórias que ilustram a força transformadora da educação e a resistência ancestral.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, vamos explorar a fundamentação escolhida para o estudo. Primeiro, buscaremos compreender os conceitos de educacional intercultural e decolonial e de que forma essa abordagem pode contribuir para a superação das dificuldades vividas por mulheres indígenas dentro das universidades. Além disso, será analisado o conceito de duplo pertencimento étnico para compreender as especificidades dessa concepção com as participantes da pesquisa. Para contextualizar a discussão, apresentaremos um breve histórico da aldeia, finalizando com a escolha do documentário radiofônico como produto jornalístico do TCC, destacando seu papel como ferramenta para abordar temas sociais relevantes.

2.1 Educação Intercultural

As marcas contemporâneas deixadas pelo processo de colonização ainda se refletem na forma como os povos indígenas são percebidos na sociedade. Durante séculos, foram considerados grupos primitivos e atrasados, que deveriam abandonar suas características culturais e modos de vida para se integrar à sociedade não indígena. Essa concepção começou a perder força com a Constituição Federal de 1988, que reconheceu direitos coletivos e assegurou a proteção das manifestações culturais.

Esse avanço levantou novas discussões sobre a maneira como a história dos povos originários poderia ser contada. Nesse contexto, lideranças indígenas e movimentos começaram a reivindicar direitos e ampliar sua presença em espaços de produção de conhecimento, buscando romper com os ideais eurocêntricos e ocidental que predominaram desde a colonização. Sob essa perspectiva, Santos *et.al.*, ressalta que o eurocentrismo impõe: “um modelo de conhecimento e cultura dominante, desvalorizando e suprimindo outros saberes e tradições, especialmente aqueles oriundos de povos historicamente colonizados (Santos *et al.*, 2022, p.6).

É nesse cenário que a educação intercultural e decolonial se apresenta como uma abordagem fundamental para analisar as experiências e os desafios de mulheres indígenas que vivem entre suas comunidades e o ambiente acadêmico. Krenak (2018), ambientalista e escritor brasileiro, em suas diversas obras, enfatiza que a experiência de aprendizado não se restringe aos muros da universidade, mas permeia todas as

relações humanas e com a natureza. Segundo o líder indígena, a educação formal, tal como a conhecemos, muitas vezes desconsidera os saberes ancestrais e as cosmovisões dos povos originários.

Partindo dessa perspectiva, recorre-se ao conceito de interculturalidade proposto por Catherine Walsh (2019). Em suas análises, tomando como referência o movimento indígena equatoriano, a autora ressalta que a interculturalidade não deve ser entendida apenas como um novo termo para designar o contato ou o conflito entre o Ocidente e outras civilizações, como frequentemente se interpreta. Para ela, interculturalidade trata-se de:

[...] uma configuração conceitual, uma ruptura epistêmica que tem como base o passado e o presente, vividos como realidades de dominação, exploração e marginalização, que são simultaneamente constitutivas [...] Uma configuração conceitual que, ao mesmo tempo em que constrói uma resposta social, política, ética e epistêmica para essas realidades que ocorreram e ocorrem, o faz a partir de um lugar de enunciação indígena (Walsh, 2019, p. 14).

No contexto das mulheres Potiguara entrevistadas durante esta pesquisa, ao retornarem para as comunidades com novos conhecimentos na área de estudo de cada uma, tinham o objetivo de promover um diálogo entre a academia e os saberes ancestrais, mas reconheciam que o conhecimento ancestral era o que fundamentava o conhecimento científico. Dessa forma, o conhecimento desses dois campos contribuem para o desenvolvimento de ações que poderiam melhorar a qualidade de ensino nas aldeias, com o resgate de iniciativas voltadas à valorização cultural.

Walsh (2019) observa que, em razão do próprio processo de colonialidade, a interculturalidade reconhece as estruturas ocidentais, mas os tensiona para construir um outro modo de saber, um pensamento alternativo que orienta o movimento indígena em suas ações políticas, sociais e culturais e que busca descolonizar as estruturas hegemônicas e a padronização cultural do conhecimento universal.

2.2 Educação crítica e decolonial

Fleuri (2014) compreende a partir das perspectivas de Walsh (2012) que a colonialidade pode ser dividida em quatro dimensões interligadas: a colonialidade do poder, que institui um sistema de classificação social baseado na categoria de "raça"; a colonialidade do saber, que centraliza a produção de conhecimento na Europa; a

colonialidade do ser, que desumaniza e subalterniza os povos colonizados; e a colonialidade da natureza e da vida, que impõe a separação entre natureza e sociedade.

Diante disso, Fleuri (2014) argumenta que a interculturalidade crítica é um conceito que precisa ir além das estruturas coloniais presentes no capitalismo, buscando criar novas formas de poder, conhecimento, existência e convivência. Para o autor, esse processo não é apenas conceitual, mas uma prática deliberada e contínua, capaz de romper com modelos históricos e instaurar novas lógicas decoloniais. Como afirma:

[...] construir criticamente a interculturalidade requer transgredir e desmontar a matriz colonial presente no capitalismo e criar outras condições de poder, saber, ser, estar e viver, que apontem para a possibilidade de conviver numa nova ordem e lógica que partam da complementaridade e das parcialidades sociais. Interculturalidade deve ser assumida como ação deliberada, constante, contínua e até insurgente, entrelaçada e encaminhada com a do decolonializar (Fleuri, 2014, p.94).

Essa discussão abre caminho para uma reflexão sobre como os processos educacionais podem promover transformações sociais. Nesse contexto, a pedagogia de Paulo Freire é uma alternativa possível, pois valoriza o diálogo, a construção coletiva do conhecimento e o empoderamento dos sujeitos. Em diálogo com a perspectiva decolonial, o conceito de educação bancária (Freire, 1987) — no qual os alunos são tratados como meros receptores passivos e o professor como um depositário de informações — podem ser interpretados como uma nova maneira de pensarmos a relação aluno e professor. O autor defende que o educando deve assumir um papel ativo na construção de sua compreensão do mundo. Nesse sentido, podemos considerar a educação decolonial e intercultural como uma nova abordagem educativa em que os saberes ancestrais e os conhecimentos sistematizados coexistem e dialogam de maneira crítica e transformadora gerando uma espécie de novo saber.

Corrêa *et al.*, (2022) colocam em diálogo as perspectivas de Freire e Walsh conceituando os autores como pedagogias de(s)coloniais, a fim de investigar as afinidades e convergências entre as concepções dos autores, a partir dos temas de libertação e práxis. Para os autores, a práxis é um conceito central sendo compreendida como um movimento contínuo de ação, reflexão e nova ação, em que os sujeitos oprimidos atuam sobre o mundo para transformá-lo e superar a relação de

opressão. Assim:

Tanto a práxis de Freire, quanto a atitude de práxis de(s)colonial apontada por Walsh, se aproximam quando percebem que os/as sujeitos/as subalternizados/ racializados/ oprimidos/as não querem estudar a si mesmos enquanto produtos do colonialismo, mas pensar a si próprios como dotados de capacidade de se auto-libertar e aos próximos de si.[...] Homens e mulheres pensam e agem sobre a realidade objetiva que os aliena e desumaniza para tecer caminhos rumo à de(s)colonização (Corrêa *et al.* (2022, p. 28).

Para a superação dessas estruturas colonialistas, que historicamente desconSIDERAM o saber ancestral dos povos originários como forma legítima de ciência, faz necessário um confronto crítico e decolonial com o modelo educacional existente por aqueles que durante muito tempo tiveram o total controle da produção do conhecimento. Sob essa perspectiva, apenas o rompimento das estruturas educacionais hegemônicas seria possível promover novas formas de desenvolver um pensamento crítico e pensarmos em uma educação intercultural.

Corrêa *et al.* (2014), definem a libertação como um processo dinâmico de busca por transformação, o qual é ancorado na práxis — a união inseparável de ação e reflexão dos sujeitos em sua interação com o mundo. Nesse movimento ativo, os indivíduos moldam suas trajetórias, manifestam sua insubordinação e constroem caminhos singulares.

2.3 O duplo pertencimento étnico

Em um mundo cada vez mais globalizado e tecnológico, lideranças indígenas de todo o Brasil e movimentos sociais mobilizam-se continuamente para reivindicar direitos e buscar melhorias para suas comunidades. Como parte desse movimento de resistência, a luta por uma voz ativa nas decisões que afetam suas realidades tem resultado em um aumento da presença indígena dentro de espaços de produção de conhecimentos, como nas universidades.

Nesse contexto, a promulgação da Lei de Cotas (Lei nº 12.711/2012) representou um marco para promover a igualdade racial no Brasil, mas, concomitante ao acesso dos estudantes indígenas às universidades, revela outras realidades. Para Luciano e Amaral (2021), o ingresso de indígenas pressupõe condições específicas, considerando que as trajetórias escolares são singulares, marcadas por pedagogias

diferenciadas, diferenças linguísticas, a centralidade da oralidade na produção de conhecimento e a diversidade de saberes e modos de vida. Esse conjunto de fatores que diferenciam esses dois mundos fazem com que experiência acadêmica seja marcada por sofrimento e sacrifícios, como destacam os autores:

A ciência acadêmica não dá espaço para a existência de outras racionalidades e se torna quase como um dogma, que não pode ser questionado e oprime o que não é explicado por ela. Ocorrem situações em que os estudantes indígenas sentem nas falas e nas atitudes dos professores uma violência a outras racionalidades, que não é a acadêmica. Percebe-se assim, a presença de uma variedade de questões que, em seu conjunto, propiciam a instalação de sofrimentos como o choque cultural; o distanciamento da família; a convivência com a discriminação; as cobranças da comunidade e as exigências específicas dos cursos. A conjunção dessas vivências para os indígenas potencializa o desencadeamento de sofrimentos (Luciano e Amaral, 2021, p.30 e 31).

Nesse sentido, a discriminação e o preconceito mencionados por Luciano e Amaral (2021) também foram apontados pelas entrevistadas deste documentário como alguns dos principais desafios vivenciados no ambiente universitário. Os relatos de Eva Potiguara e Jaqueline Potiguara evidenciam um processo árduo e, por vezes, frustrante, marcado pelo enfrentamento do preconceito desde o primeiro dia de aula. Elas descrevem o sentimento de não pertencimento no ambiente acadêmico, os olhares críticos e discriminatórios, motivados pelo distanciamento em relação ao estereótipo do “índio” construído historicamente — representação que, ainda hoje, costuma ser associada às pessoas que se autodeclaram indígenas.

Durante as entrevistas os choques culturais, preconceitos, falta de apoio financeiro e tecnológicos foram alguns dos pontos mencionados pelas entrevistadas. Essa saída das aldeias e permanência nas universidades compreendiam como apontam “a partir de seu duplo pertencimento: o pertencimento acadêmico e o pertencimento étnico-comunitário” (Luciano; Amaral, 2021, p.31).

Para os autores, o conceito de duplo pertencimento significa a possibilidade de permanência do estudante indígena na universidade, mesmo em meio à tensão constante entre universos culturais distintos. Essa condição estabelece um novo espaço de fronteira, no qual se configuram relações entre os diferentes grupos étnicos presentes na universidade e entre estes e os sujeitos não indígenas que compõem o ambiente acadêmico.

No contexto das mulheres indígenas, a maternidade impõe uma camada extra de desafios, já que a figura feminina é frequentemente sobrecarregada por

responsabilidades sociais e culturais. Aquelas que eram mães enfrentam preocupações que surgiram antes mesmo do ingresso na universidade e se estendiam por toda a graduação. Envolviam questões como a logística de deixar os filhos, especialmente quando não contavam com uma rede de apoio ou com o suporte do cônjuge, além disso, a dificuldade financeira para manter a casa e as crianças durante os estudos era outra preocupação. Um exemplo dessa realidade é o de Eva Potiguara, que relatou ter abandonado um emprego de professora por não ter com quem deixar a filha e, em outro momento, precisou retornar à aldeia para auxiliar a família e cuidar dos filhos.

2.4 Os Potiguara de Baía da Traição

Vieira (2019) afirma que na Paraíba, a presença indígena se destaca em dois municípios litorâneos, Baía da Traição e Marcação, localizados dentro de seu território, assim como nas cidades vizinhas de Rio Tinto, Mataraca e Mamanguape, além da capital do Estado. Entre as 38 localidades identificadas, 32 são consideradas aldeias, devido à presença de um cacique ou líder local.

As demais não possuem uma classificação uniforme: algumas são chamadas de “pequenos povoados”, “lugarejos”, “comunidades”, “famílias” ou até mesmo “aldeias sem cacique”. A distribuição territorial dos Potiguara nessas regiões está intimamente ligada aos processos históricos dos séculos XVIII e XIX, quando os portugueses consolidaram a conquista do território.

Na Paraíba, os Potiguara foram concentrados em dois aldeamentos supervisionados pelos missionários do Carmo da Reforma: São Miguel da Baía da Traição, na costa, e Preguiça, localizado a cerca de 24 quilômetros do litoral. Na segunda metade do século XVIII, essa estrutura foi alterada pelo Diretório Pombalino, que expulsou as ordens missionárias e elevou as aldeias à condição de vilas de índios.

Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010, a população Potiguara era estimada em cerca de 25 mil pessoas, concentradas no litoral norte, na região do Vale do Mamanguape. De acordo com a Fundação Nacional do Índio (Funai, 2023), o território Potiguara abrange atualmente uma área de 33.757 hectares, pertencente ao tronco linguístico Tupi, os Potiguara são um dos grupos indígenas mais antigos do Brasil, e, provavelmente, o único povo a permanecer no mesmo território em períodos que remontam à colonização.

Segundo Moonen e Maia (1992, p.93), existem diversas “variantes do nome, nos documentos históricos, são: Potygoar, Potyuara, Pitiguara, Pitagoar, Petigoar”, mas não existe um consenso sobre o significado do nome indígena, que pode ser traduzido como 'pescadores de camarão' ou 'comedores de camarão'. Apesar de possuírem historicamente uma relação marcada pelo contato com o não indígena, os Potiguara buscam manter as tradições e costumes originais, preservando os saberes ancestrais por meio da transmissão oral e de práticas comunitárias que envolvem o uso sustentável dos recursos naturais e a realização de rituais tradicionais como o Toré, uma forma de expressão artística (Portal Potiguara, 2022).

No entanto, os registros históricos sobre os Potiguara após o período colonial são escassos. De acordo com Moonen e Maia “a partir de meados do século XVII cessam por completo as informações sobre a cultura potiguara, de modo que é impossível analisar as mudanças culturais em sua dimensão histórica” (1992, p. 111). Essa constatação, somada à falta de materiais atualizados em bases de pesquisa científica, representaram mais uma razão que justifica esta pesquisa.

2.5 O documentário como amplificador de vozes e histórias

O jornalismo oferece múltiplas possibilidades e formatos de contar uma mesma história, desde os modelos tradicionais, como o impresso, até o rádio e a televisão. No contexto atual, marcado por intensas transformações sociais e tecnológicas, esses estilos clássicos foram influenciados por novas linguagens, dando origem a maneiras inovadoras de produção. O documentário radiofônico, ou audiodocumentário, é um desses exemplos

De acordo com Detoni (2020), a origem do documentário no rádio remonta à Grã-Bretanha dos anos 1930, quando o formato — seja em montagem artística ou jornalística — foi concebido como uma ferramenta para democratizar o espaço radiofônico. No contexto brasileiro, o formato mantém sua relevância, mas ainda é pouco explorado por produtores e jornalistas, que tendem a seguir modelos tradicionais sem explorar plenamente novas abordagens narrativas. Como observa Detoni (2020, p. 77):

[...] peças radiofônicas mais elaboradas, com uso de música, efeitos especiais, som ambiente e pluralidade de vozes são raras. Nas emissoras culturais, prevalece a música. Nas jornalísticas, a cobertura é feita

praticamente ao vivo, com entrevistas, debates e repórteres narrando do local dos acontecimentos. As reportagens gravadas são, geralmente, breves, com no máximo três minutos de duração, e formato previsível: locução intercalada por trechos de entrevista (Deltoni, 2020, p. 77).

Silva e Oliveira (2020) conceituam o audiodocumentário como um meio que possibilita a diferentes grupos sociais produzirem materiais representativos de sua identidade e ampliarem o alcance de suas vozes, tornando-as audíveis para além de suas comunidades. Essa característica justifica a escolha desse formato para este trabalho, pois permite explorar temas complexos com maior profundidade e sensibilidade. Em contrapartida, esta autora considera que produções curtas, comuns nos gêneros cotidianos do mercado, podem comprometer a compreensão do assunto e reduzir o impacto da mensagem.

Nessa perspectiva, Detoni (2020) explica que “o documentário radiofônico é uma das formas mais completas de se explorar a linguagem sonora, articulando depoimentos, dados, músicas e efeitos para construir uma narrativa com começo, meio e fim” (Detoni, 2020, p. 14). Para a autora, alguns produtores preferem utilizar os termos audiodocumentário ou podcast ao se referirem ao formato, numa tentativa de atualizá-lo ao contexto digital, mas reforça que o documentário radiofônico é um gênero que mantém sua função essencial de aprofundar narrativas e sensibilizar o ouvinte.

Esse potencial narrativo exige que o documentário radiofônico vá além da simples ampliação do tempo de uma reportagem. Ferraretto (2014) observa que uma das principais dificuldades ao conceituar o documentário está justamente em diferenciá-lo da grande reportagem ou da reportagem especial, já que o senso comum costuma reduzir essa distinção apenas à duração dessas produções sonoras. Para o autor:

[...] a produção de um documentário aproxima-se da prática que, em especial nas décadas de 1960 e 1970, era conhecida na grande imprensa brasileira como pesquisa jornalística. É um processo que se relaciona diretamente com o gênero jornalístico interpretativo, embora possa ter relação com os demais (Ferraretto, 2014, p.224).

Portanto, o que diferencia o documentário radiofônico de outros formatos não é apenas o tempo de duração, mas um conjunto de recursos que utiliza elementos da linguagem radiofônica, como músicas, trilhas, efeitos sonoros e depoimentos para construir narrativas que unem o rigor informativo e a dimensão estética, abordando

temas sociais relevantes de forma abrangente.

Para José (2015), o documentário é o gênero que mais impulsionou a renovação nas mídias eletrônicas, tendo promovido importantes avanços criativos em diversas linguagens provenientes dessas mídias. No entanto, o autor observa que, apesar desse crescimento, o gênero ainda não alcançou no rádio o mesmo reconhecimento e prestígio obtido no cinema e na internet, permanecendo atrás da programação musical, do radiojornalismo e dos programas personalizados por comunicadores.

Ferraretto (2014) concorda com José (2015) ao afirmar que, no Brasil, o formato de documentário ainda é pouco utilizado nos meios tradicionais. Isso se deve ao fato de que o ritmo de produção, marcado pelo deadline e pela falta de recursos, não permite que os temas sejam explorados com a profundidade necessária. A autora explica que a prioridade da mídia é a informação rápida e objetiva, o que leva à preferência por formatos mais ágeis. Como aponta o autor:

No Brasil, onde predomina o rádio comercial, a opção vai ser, por exemplo, pela entrevista ao vivo com foco na personalidade, em detrimento do programa montado, de abordagem com teor mais artístico a descrever de modo documental uma história de vida recorrendo a arquivos de vozes, efeitos sonoros e músicas, tudo amarrado por um texto de elaborada redação. Esta última alternativa implica maior envolvimento de profissionais, existência de equipamentos compatíveis, disponibilidade de tempo para produção e manutenção contínua de acervos de áudio (Ferraretto, 2014, p. 84).

Ainda que seja um gênero pouco explorado comercialmente, pelas questões já discutidas, o documentário oferece uma possibilidade narrativa única de apresentar diferentes aspectos de um mesmo assunto. Essa é mais uma razão que justifica a escolha deste formato para este TCC, pois, reconhecendo as especificidades do tema, foi necessário utilizar todos os recursos disponíveis para desenvolver as histórias aqui contadas. Dessa forma, foi possível apresentar o documentário agora disponibilizado ao público e evidenciar a importância que a educação universitária teve na vida das mulheres indígenas retratadas.

3 RELATÓRIO DE PRODUÇÃO

Nesta etapa, apresento as fases de construção do documentário. São descritas as motivações que nortearam a escolha do formato do produto, critérios utilizados para a seleção das entrevistadas, o processo de gravação e edição e todas as etapas que envolveram a pré-produção, produção e pós-produção. Também se destacam as dificuldades encontradas e os êxitos alcançados ao longo de todo o processo.

3.1 Pré-produção

Em 2024, quando comecei a elaboração do meu projeto de pesquisa para a disciplina de TCC 1, tinha algumas ideias pouco amarradas e ainda muito confusas sobre o que seria esse trabalho. A única certeza naquele momento era que falaria sobre povos indígenas, pela minha relação com o tema conforme mencionei na introdução. Até aquele momento, não tinha definido o formato do produto— se seria um podcast, uma reportagem especial ou até mesmo um documentário.

Nesse período, a decisão final sobre o tema envolvia algumas dificuldades, principalmente relacionadas à escolha de um orientador que tivesse interesse pela temática dentro do Departamento de Jornalismo. Esse foi, então, meu primeiro desafio: procurar professores que estudassem a temática indígena, algo estressante e difícil, e um dos fatores que levaram ao adiamento da entrega do meu TCC. Preciso pontuar o cuidado e a atenção que alguns professores, especialmente a professora Suelly Maux teve comigo durante essa fase, ajudando a trazer calma e paciência a um processo que já tinha começado de forma muito desafiadora.

No final do semestre, tranquei a disciplina de TCC 2 porque não conseguia avançar naquele momento com os desafios pessoais em curso. Mas, vez ou outra, aproveitava para analisar os trabalhos e pesquisas que havia levantado no período anterior, fazendo leituras, anotações e conversando com amigos e profissionais da área com quem trabalhava a fim de retomar o projeto assim que fosse possível.

Depois de alguns meses falando com algumas pessoas da área, comecei a pensar neste projeto como um documentário audiovisual, mas desisti pela falta de recursos e equipamentos para captação de material como câmeras de boa qualidade, microfones, e tripé.

Em algum momento durante esses meses um colega deu a ideia de um

documentário radiofônico, sugerindo que a parte técnica que era minha maior preocupação seria mais fácil de conseguir. Então, aos poucos esse processo ganhava definições. No final de 2024, conheci, por meio de uma disciplina optativa do curso de Cinema, meu orientador, professor Júnior Pinheiro, ao ouvir minhas ideias sobre o projeto, ele não apenas aprovou como também se dispôs a me orientar. Com o orientador, o tema e o produto definidos, dei continuidade à análise e ao fichamento do material bibliográfico e iniciei o processo de escolha das entrevistadas.

A indicação da participante Eva Potiguara foi uma sugestão do professor Lusival Barcellos, do Centro de Educação da UFPB, com quem conversei ao longo desse processo. As demais participantes foram através de contatos que fiz durante meu estágio na TV Cabo Branco. Um desses contatos foi Ju Potiguara, estudante de Psicologia que conheci enquanto produzia uma matéria sobre um projeto sustentável para a TV.

Outra participante dessa história foi Cristina Potiguara. Ela foi indicada pelo meu orientador, professor Júnior Pinheiro, durante uma de nossas conversas sobre o projeto. Sempre muito gentil e atencioso, Júnior não apenas indicava livros e referências de pesquisa nessa fase, como também ouvia pacientemente minhas ideias, que ainda estavam um pouco confusas até para mim, transmitindo calma em um momento naturalmente desgastante.

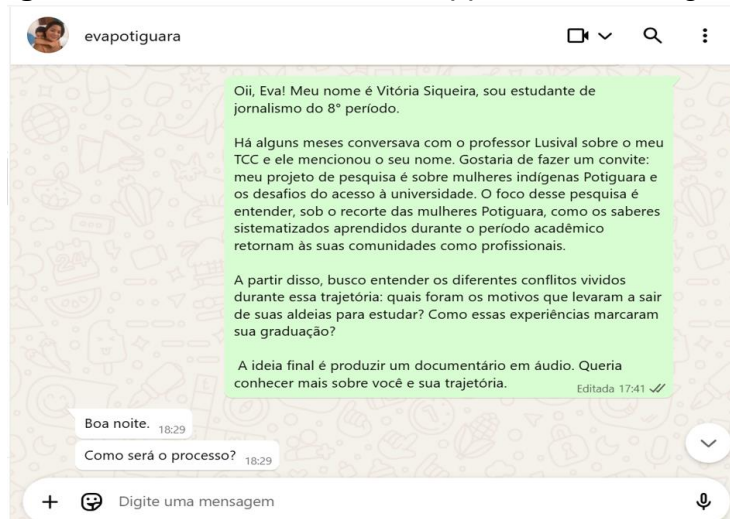
Quando mencionou que Cristina era uma mulher Potiguara que estava cursando doutorado na Bolívia, imediatamente percebi que precisava incluí-la na narrativa, ainda que fosse por meio de uma entrevista virtual. Para chegar até ela, o jornalista Hebert Araújo me passou o contato de um primo de Cristina. Após alguns dias sem resposta, ele respondeu e enviou o contato, a partir daí, começamos a alinhar o melhor momento para conversarmos.

Nesse momento, minha ideia era conseguir esses contatos para conhecer melhor a história de cada personagem, verificar se tinham interesse em participar e definir o papel de cada uma no documentário. A partir disso, comecei a entrar em contato com as indicações que recebi de Ju Potiguara e também com os contatos que ela me enviou por WhatsApp, como o da professora Tamara Silva, indígena do povo Potiguara.

Na primeira mensagem, conforme mostra a Figura 1 e Figura 2 abaixo, eu me apresentava, explicava o tema e os objetivos do trabalho e finalizava sempre com o convite para uma chamada via Meet. Não foram todas as entrevistadas que seguiram

esse mesmo processo: apenas com Eva foi assim. Com as demais — Jaqueline, Cristina e dona Cleide — o contato ocorreu apenas no local das entrevistas.

Figura 1 – Conversa no whatsapp com Eva Potiguara



Fonte: Captura de tela própria autora.

Figura 2 – Conversa no WhatsApp com Irembé Potiguara (Jaqueline)



Fonte: Captura de tela própria autora.

Decidir realizar as entrevistas presenciais na aldeia meses antes de definir o formato final do produto. Mas, só consegui comprar as passagens na rodoviária de João Pessoa e começar a organizar as questões alguns dias antes, devido a algumas questões pessoais e também pela disponibilidade das entrevistadas. O local escolhido para as entrevistas na Aldeia Forte foi a sede do projeto Águas Potiguara pela proximidade das entrevistadas e pelo significado do lugar que é palco de reuniões

importantes e visitas.

As pautas (Apêndices A e B) foram escritas uma semana antes de fechar as datas de todas as entrevistas, com perguntas pré definidas e com base nos dados e informações que consegui levantar durante o período. Mas, não segui o roteiro de forma rígida, procurei ouvir os relatos e, a partir deles, formular novas perguntas. Assim, nessa primeira fase, as entrevistas aconteceram de três formas: dois dias presencialmente nas aldeias, de forma assíncrona via Google Meet e também por WhatsApp. Os roteiros de entrevistas foram preparados levando em consideração essas diferentes modalidades.

3.2 Produção

A próxima etapa foi a realização das entrevistas. Minha primeira convidada como mostra a Figura 3, a anciã Cleide Potiguara, 75 anos, foi confirmada apenas um dia antes de viajar; por isso, não tive tempo de escrever uma pauta ou preparar perguntas. Tudo começou na noite anterior à minha viagem quando senti a falta de uma personagem nesta história, de alguém que representasse a importância dos anciãos e a forte ligação dos Potiguara com seus ancestrais, que veem nos mais velhos uma fonte de sabedoria e de transmissão dos costumes, algo que quase deixei passar despercebido pela quantidade de informações e prazos que se aproximavam.

Figura 3 – Foto com Cleide Potiguara após entrevista



Fonte: Fotografia de autoria de Ju Potiguara.

Graças à ajuda de Ju Potiguara — que prontamente conseguiu marcar — recebi a confirmação, no dia seguinte, de que Cleide falaria comigo. Preciso abrir um parêntese para destacar o papel fundamental de Ju nessa viagem: além de me acompanhar desde o momento em que desci do ônibus até o local de encontro com cada entrevistada, ela facilitou todo o processo e me deixou mais tranquila em cada entrevista por já conhecer algumas das meninas.

A entrevista com a dona Cleide, minha primeira do dia, foi especial. Ela foi também uma das primeiras professoras a lecionar na Aldeia Forte. Sem roteiro ou perguntas prévias, decidi simplesmente ouvir o que ela tinha a dizer: sua história, as lembranças da infância difícil na aldeia e a importância do legado que deixava para as futuras gerações.

Apesar de não ter cursado o ensino superior — logo, não atender a todos os critérios desta pesquisa, que incluíam mulheres indígenas egressas de cursos de Pedagogia em universidades públicas e privadas —, esta autora considerou o contexto educacional da época e reconheceu a relevância da contribuição de Cleide para este trabalho. Ela ensinou inúmeros jovens e adultos a ler e escrever, sendo uma das mulheres pioneiras nesse processo, e deixou um legado essencial para a educação dos Potiguara de Baía da Traição. Entende-se que foi graças ao esforço e ao sacrifício de pessoas como ela que o caminho para as demais entrevistadas se tornou possível.

Figura 4 – Antiga escola que ficava em frente à casa da avó desta autora



Fonte: Fotografia de autoria de Ju Potiguara.

Particularmente, ouvi-la falar sobre minha avó, Maria Flor, a quem só vi uma vez, quando tinha oito anos, foi uma experiência única nesse processo. Estávamos lado a lado, a poucos metros da casa onde minha avó viveu e em frente à mesma escola (Figura 4) onde brinquei com minhas primas quando era criança.

Após a entrevista com Cleide, segui para o próximo destino: a sede do Águas Potiguara, onde iria entrevistar a professora Jaqueline Potiguara. Jaqueline foi a única participante que eu já conhecia, pois tinha entrevistado ela em outros projetos em 2022, mas era a primeira vez que nos encontrávamos pessoalmente. O local foi escolhido por ser um ponto de fácil acesso para ambas.

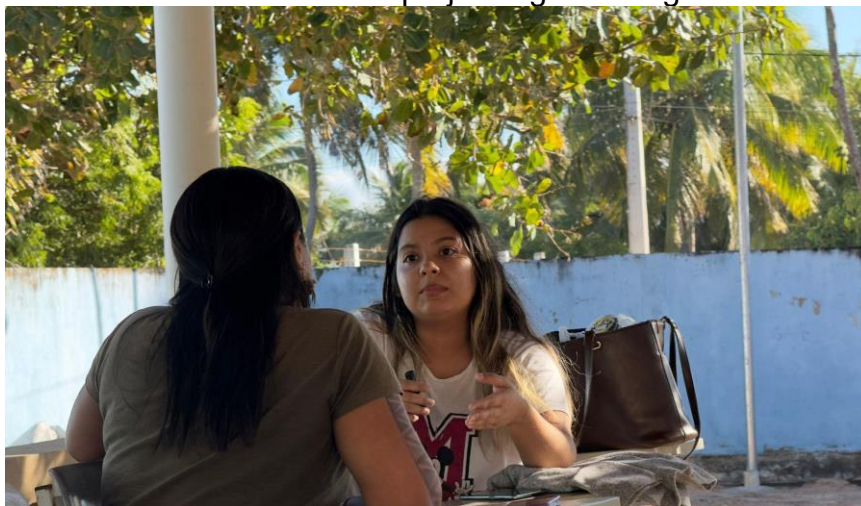
As pautas das entrevistas de Jaqueline e Eva foram preparadas dias antes, seguindo a metodologia de perguntas semiestruturadas, contendo questões previamente definidas e espaço para perguntas adicionais que surgiram durante as conversas. Quando cheguei à sede do Águas Potiguara, Jaqueline ainda não havia chegado, aproveitei esse tempo para testar os microfones antes de iniciarmos e conferir as perguntas antes da gravação. A estrutura do Águas é planejada no formato de um círculo, então eu me sentava em frente a elas para conseguir conversar olhando nos olhos de cada uma (Figura 5 e Figura 6).

Figura 5 – Jaqueline durante entrevista na sede do projeto Águas Potiguara



Fonte: Fotografia de autoria de Ju Potiguara.

Figura 6 – Jaqueline e a autora durante entrevista na sede do projeto Águas Potiguara



Fonte: Fotografia de autoria de Ju Potiguara.

No caminho de volta, após o primeiro dia de entrevistas, aproveito para ouvir as gravações e iniciar um primeiro processo de escrita do roteiro. Embora ainda seja uma fase bastante inicial, esse momento é fundamental para lembrar os pontos que deverão ser tratados no documentário. As anotações são registradas em um grupo no WhatsApp em que está somente esta autora.

No dia seguinte (10/08), sigo novamente em direção à Baía da Traição para realizar a última entrevista desse ciclo presencial. Eva Potiguara, como já mencionado, foi indicada pelo professor Lusival Barcellos, do curso de Ciências das Religiões, que a conhecia desde antes de seu ingresso na universidade. Eva foi a única das entrevistadas com quem conversei previamente, em uma chamada via Google Meet realizada três dias antes da entrevista presencial. Essa primeira conversa fez toda a diferença no processo, pois, ao contrário das demais entrevistas que eu me ative mais ao roteiro, com Eva pude iniciar a partir dos pontos que desejava aprofundar, deixando que ela conduzisse o relato e intervindo apenas para esclarecer ou complementar informações, conforme mostra a Figura 7.

À medida que as entrevistas avançavam, as ideias e direcionamentos iam se formando. Nesse segundo momento, minha preocupação principal era garantir que todas as perguntas fossem feitas, de forma a contemplar diferentes perspectivas para quando começasse a escrever o roteiro. Por isso, a maior parte das entrevistas ultrapassam uma hora de duração, não estipulei um limite ou prazo para encerrar, conduzi essa parte de forma muito intuitiva, observando o ritmo das respostas e dos assuntos.

Figura 7 – Eva Potiguara e a autora na sede do projeto Águas Potiguara no segundo dia de entrevistas



Fonte: Fotografia de autoria de Ju Potiguara.

Após concluir a primeira etapa de entrevistas presenciais, iniciei a preparação para as próximas conversas, que estavam agendadas para dali a três dias, dessa vez assíncronas. Tentei marcar um encontro via Google Meet com Cristina Potiguara algumas vezes antes de conseguirmos agendar para o dia 13/08. Apesar de estar de volta ao Brasil, sua rotina intensa de estudos e viagens de trabalho impossibilitou que nossa entrevista fosse realizada antes, ou de forma presencial.

Segui o mesmo critério utilizado na escolha de Dona Cleide para incluir Cristina entre as entrevistadas. Embora ela não atue diretamente na área de educação, sua história foi considerada relevante para a construção da narrativa do documentário. No encontro virtual, realizado via Meet (Figura 8), apresentei o projeto e adaptei as perguntas ao seu contexto, priorizando questões relacionadas à sua trajetória acadêmica e aos desafios que enfrentou no ambiente universitário.

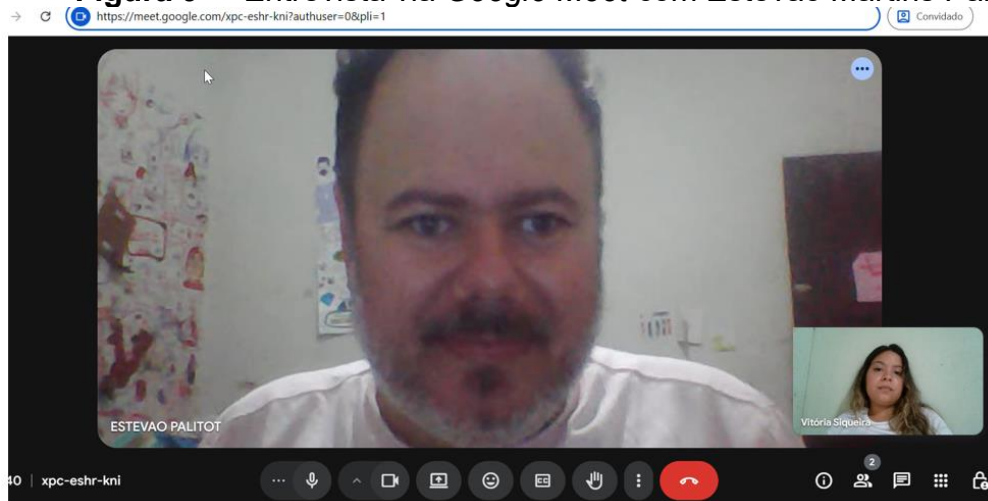
Figura 8 – Entrevista realizada via *Google Meet* com a participante Cristina Potiguara



Fonte: Captura de tela própria autora.

Por fim, a última participação deste ciclo de entrevistas — presenciais e assíncronas — foi com o historiador Estevão Martins Palitot. Nesta etapa da produção, todas as demais entrevistadas já haviam sido ouvidas e restavam pouco menos de dois meses para a finalização do projeto e a entrega do material. Esse contexto gerou certa preocupação com os prazos de edição e fechamento do documentário. A escolha por convidar o professor Estevão considerou sua experiência de mais de 20 anos pesquisando o povo Potiguara, além de seu amplo conhecimento etnográfico, cultural e educacional sobre o território. Sua atuação em diversos projetos desenvolvidos no Campus IV da UFPB, onde leciona, reforçou a relevância de sua participação como especialista, agregando consistência teórica e contextual ao trabalho (Figura 9).

Figura 9 – Entrevista via *Google Meet* com Estevão Martins Palitot



Fonte: Captura de tela própria autora.

A definição das últimas entrevistas aconteceram dentro do período de produção. Enquanto realizava uma viagem através do meu estágio para a produção do quadro Papo Jovem, um projeto da Universidade Federal da Paraíba em parceria com o programa Bom dia Paraíba, da TV Cabo Branco, conheci um grupos de jovens Potiguara dos cursos de Ecologia e Antropologia, do Campus IV- da UFPB, localizado em Rio Tinto. Durante essa participação foi quando conheci as estudantes Samira e Layane Potiguara.

Assim que as gravações do programa acabaram, peguei o contato delas com o produtor e fiz o convite pelo whatsapp (Figura 10). Após isso, encaminhei as perguntas individualmente para cada uma, com foco no que tinha ouvido elas trazerem durante a participação delas no Papo Jovem. Samira é uma jovem estudante que é mãe e no

seu relato expõe essas dificuldades que vive tendo que conciliar a maternidade aos estudos. Já, Layane é uma ativista dentro do movimento, participa de várias ações de extensão e contribui ativamente dentro do movimento indígena na universidade. Duas mulheres que ajudaram a trazer novas perspectivas sobre um assunto tão amplo como a educação.

Figura 10 – Conversa via *WhatsApp* com a estudante Layane Potiguara



Fonte: Captura de tela própria autora.

Após a finalização das entrevistas, iniciei o planejamento das etapas subsequentes: montagem, escrita, escuta das sonoras, transcrições, etc. Utilizei a agenda do Google para alocar o tempo necessário para cada fase. Foi estipulado um mínimo de sete dias corridos para cada tarefa, incluindo os finais de semana, a fim de garantir que o produto e o relatório fossem concluídos dentro do prazo estabelecido pela coordenação do curso.

3.3 Pós-produção

Nessa última etapa, o processo foi dividido em três partes: transcrição das entrevistas, escrita do roteiro e edição de áudio do material. Para fazer as transcrições das entrevistas mais longas, contei com a ajuda da minha irmã, Larissa Siqueira, que

conseguiu transcrever gratuitamente, através de diferentes sites de busca no google. Já as entrevistas mais curtas de 11 e 6 minutos, eu consegui transcrever pelo site TurboScribe, algo que também me ajudou nesse processo foi usar a IA para dividir os áudios e transcrevê-los em outros aplicativos que o limite mínimo fosse inferior a 15 minutos. Ao todo, apenas de transcrições, foram 76 páginas, com exceção das entrevistas de Layane e Samira que os cortes das sonoras foram inseridos diretamente no roteiro.

Concluído essa primeira parte e já com uma ideia em mente a partir do processo de decupagem e análises, comecei a fazer a marcação dos trechos que provavelmente utilizaria. O esquema do roteiro foi dividido por tópicos: na primeira parte deveriam ser abordadas as motivações que levaram às participantes a querer estar na universidade e a optar por pedagogia, num segundo momento os desafios que enfrentaram antes e durante esse processo, e, ao final levantar os êxitos trazidos por essa experiência, analisando de que forma ambos os conhecimentos foram utilizados no retorno para a comunidade.

Definido esse esqueleto era hora de ler as transcrições e ouvir novamente as entrevistas. foi um processo quase que mecânico em alguns momentos, ouvia, repetia, lia, observava como cada fala poderia complementar ou diferenciar as outras. Essa etapa levou mais tempo do que esperado e às vezes o sentimento era que não ia funcionar, que eram muitos assuntos entrecruzados, e qualquer decisão errada poderia perder a profundidade do tema. Algo que aprendi durante esse processo foi que nada iria estar 100% como imaginei, que iriam existir lacunas e outras abordagens que se tivessem sido feitas o trabalho talvez seria outro, mas, naquele momento, era preciso trabalhar com o que tinha. Meu orientador contribuiu muito nesse sentido, em colocar os meus pés no chão, me acalmar e começar a trabalhar com o que eu tinha. Meus amigos e minha irmãs também, sempre me falaram que a parte mais difícil era fazer a viagem estudando e trabalhando ao mesmo tempo, algo que eu tinha conseguido fazer.

Esses sentimentos trouxeram bastante preocupação nesta fase final. Mas, em agosto comecei a escrever o roteiro e encaixar as sonoras, trilhas musicais, etc. Para esse processo, optei por encaixar os acontecimentos de forma linear, começando pela viagem na rodoviária, ambientando o lugar, depois o encontro com as participantes e assim em diante. Foram quase um mês e meio escrevendo o roteiro, separando e trocando sonoras, fazendo e refazendo novos cortes, não foi um processo único, era

algo contínuo que durou até o último dia da edição do material.

Na parte de revisão do roteiro contei com a ajuda do meu parceiro de profissão e da turma da graduação, Guilherme Bezerra, além da minha competente e gentil amiga também da graduação Andreza Rodrigues. Quando analisamos a primeira versão do roteiro percebemos que os meus OFF precisavam comunicar de forma mais clara a minha motivação na história, afinal, eu também fazia parte daquilo. Eles me ajudaram a entender que o formato do produto permitia explorar minha participação nesse processo, sem deixar de ser jornalístico.

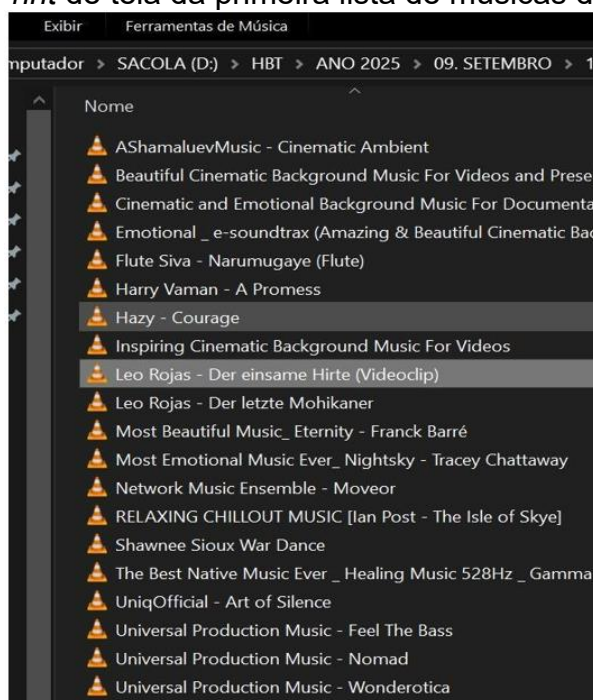
Nos últimos meses, entre os intervalos para o café da manhã e após o expediente no trabalho, eu revisava o texto do off com Guilherme. Juntos, fazíamos ajustes técnicos e ele me dava sugestões, pois, com seu convívio diário na profissão, conseguia me mostrar como minha linguagem poderia ser mais simples e direta, recursos essenciais no rádio, mas que, muitas vezes, pelo hábito da literatura ou do meio acadêmico, não conseguimos perceber.

Após essa etapa, com o roteiro já fechado, contei com outra excelente ajuda, dessa vez para a edição de áudio e gravação dos OFFs. Herbert Alves, editor de áudio da CBN, me possibilitou gravar os offs no estúdio da rádio, com todo o aparato técnico disponível. Durante a fase final de gravação, também concluí as entrevistas com Layane e Samira, que já foram incluídas no roteiro final.

Na escolha dos sons ambientes para o documentário, priorizei áudios originais durante o processo de captação. O som do ônibus dando partida, os maracás potiguara e o som do rio, que é ouvido, foram sons ambientes autênticos. Alguns deles foram enviados por Ju Potiguara, enquanto outros eu gravei pessoalmente no local. Os outros sons foram retirados de áudios disponíveis na internet e livres de direitos autorais. Todos os áudios, incluindo as entrevistas e sons, ficavam organizados em uma pasta no Google Drive, à qual Herbert tinha acesso livre, além do próprio roteiro.

Durante o meu intervalo no estágio, eu aproveitava para ajustar alguns detalhes com ele sobre o processo de escrita do relatório, além de informá-lo sobre as mudanças que ainda estava fazendo no roteiro. Enquanto isso, ele começava a cortar as primeiras sonoras já definidas, regravava comigo alguns OFFs para corrigir erros ou fazer melhorias. Como o roteiro passou por alterações quase durante todo o processo de edição, a fase final de sonorização acabou sendo a última antes de concluir tudo.

Figura 11 – *Print* de tela da primeira lista de músicas da sonorização



Fonte: Captura de tela de Herbert Alves.

Com as modificações concluídas, iniciamos a sonorização (Confira a figura 11). Eu recebia as últimas versões pelo WhatsApp e ia orientando o que poderia ser ajustado. Enviava as versões mais atualizadas para o meu orientador, que pontuava as mudanças necessárias, trazendo também feedbacks positivos, que me encorajaram e apoiaram ao longo do processo. Essa última etapa foi uma das mais desafiadoras para mim, pois, embora eu já ouvisse rádio e tivesse escutado diversos documentários nos últimos meses, escolher as trilhas era um processo muito detalhista. Afinal, a música desempenha um papel fundamental na identidade do trabalho. Assim, no dia 21 de setembro, finalizamos a edição do material em áudio.

Em seguida, iniciei a etapa de definição da identidade visual do projeto. Confiei essa tarefa à minha amiga e jornalista Andreza Rodrigues, idealizadora do estúdio criativo 100caju. A escolha foi natural: além de ter sido uma das revisoras do meu roteiro e uma das primeiras pessoas a conferir o resultado final, já havíamos conversado meses antes sobre o projeto, ocasião em que manifestei meu desejo de que ela assumisse essa parte. Nossas conversas aconteceram pelo WhatsApp e também presencialmente, quando alinhamos os detalhes iniciais. Em seguida, confiei o processo à criatividade e ao talento dela, que conseguiu captar o significado pessoal que este trabalho tem para mim. O resultado pode ser conferido na Figura 12 na próxima página.

Após a finalização da edição do material e a aprovação da identidade visual do projeto descrito neste relatório, os arquivos foram organizados em uma pasta no Google Drive, com o objetivo de disponibilizar o link para apreciação da banca.

Figura 12 – Identidade visual do documentário radiofônico



Fonte: Studio 100caju (2025).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente relatório tem como objetivo principal documentar o processo de criação e a fundamentação teórica do documentário “Caminhando Entre Dois Mundos: a Educação como Meio de Resistência das Mulheres Potiguara”. Ao longo deste trabalho, analiso os desafios, as contribuições e as formas de enfrentamento das mulheres indígenas contra uma estrutura social edificada sobre os parâmetros ocidentais e coloniais.

Descrevi todas as etapas de realização do projeto, da pré-produção à pós-produção, revelando os caminhos, as escolhas e as abordagens metodológicas que fundamentam esse processo. O trabalho envolveu o levantamento de dados e fontes bibliográficas, a elaboração de roteiros e a coleta de entrevistas. Além disso, o relatório contém relatos pessoais, as dificuldades enfrentadas e os apoios recebidos que foram cruciais para a concretização do material.

Para isso, utilizei os recursos do radiojornalismo — como sonoplastia, trilhas e sons ambientes — para construir uma narrativa a partir do formato escolhido. As diferentes histórias que compõem os próximos 33 minutos e 43 segundos do documentário traduzem a importante missão desta autora: apresentar um jornalismo sério, respeitoso e humano, que une a técnica à subjetividade da mediação das histórias.

Este trabalho não se restringe a documentar a experiência acadêmica de mulheres indígenas, mas também convida o leitor a refletir sobre a forma como as pautas sobre os povos originários ainda são tratadas na mídia. Tais temas, quando não são tidos como desinteressantes, aparecem apenas para noticiar genocídios ou reforçar estereótipos.

Acredito que a educação como meio de transformação da realidade, embora possa parecer um discurso romântico, é um caminho para mudanças essenciais. A capacitação de seres humanos críticos, conscientes de seus direitos e munidos de informação, tem o poder de subverter esse cenário. Concluo, entregando este trabalho a você, leitor e ouvinte. Saiba que ele é o resultado de quase seis anos de esforço, lágrimas e alegrias desta estudante de jornalismo.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Matrículas de indígenas em universidades subiram 374% de 2011 a 2021**. Agência Brasil, 11 abr. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2023-04/matriculas-de-indigenas-em-universidades-subiram-374-de-2011-a-2021>. Acesso em: 21 set. 2024.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm. Acesso em: 21 set. 2024.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 23 set. 2025.

BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 30 ago. 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm. Acesso em: 22 set. 2024.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Fundação Nacional dos Povos Indígenas – Funai. **Terras indígenas: o que é?** Brasília, DF, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/atuacao/terras-indigenas/demarcacao-de-terras-indigenas>. Acesso em: 21 jun. 2020.

CAMPANILI, Maura. **No mesmo lugar, desde o descobrimento**. Instituto Socioambiental, 2003. Disponível em: <http://www.socioambiental.org/website/parabolicas/edicoes/edicao58/potiguara.html>. Acesso em: 3 ago. 2024.

CORRÊA, Aline Mesquita *et al.* Paulo Freire e Catherine Walsh: afinidades teórico-práticas nas pedagogias de(s)coloniais. **Sinergias – diálogos educativos para a transformação social**, n. 14, p. 21-33, jul. 2022. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/7096>. Acesso em: 22 set. 2025.

DEU BOM BRASÍLIA. **Juão Nyn faz lançamento de ASÉ, single criado a partir de um provérbio potiguara**. Disponível em: <https://www.deubombrasil.com.br/post/ju%C3%A3o-n%C3%BFn-faz-lan%C3%87amento-de-as%C3%A9-single-criado-a-partir-de-um-prov%C3%A9rbio-potiguara>. Acesso em: 3 set. 2024.

DETONI, Márcia. **O documentário no rádio: desenvolvimento histórico e tendências atuais**. Pesquisa de pós-doutoramento — Escola de Comunicações e Artes da USP, São Paulo, 2018. Disponível em: https://www.academia.edu/49241778/O_DOCUMENTO_NO_RADIO_DESENVOLVIMENTO_HISTORICO_E_TENDENCIAS_ATUAIS.

Acesso em: 18 mar. 2025.

DETONI, Márcia. **Afinal, o que é um radiodocumentário?** Academia.edu, 2020. Disponível em: <https://www.academia.edu/44883966/Afinal>. Acesso em: 18 mar. 2025.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.

FLEURI, Reinaldo Matias. Interculturalidade, identidade e decolonialidade: desafios políticos e educacionais. **Série-Estudos – Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB**, Campo Grande, MS, n. 37, p. 89-106, jan./jun. 2014. DOI: <https://doi.org/10.20435/serie-estudos.v0i37.771>. Disponível em: <https://serieucdb.emnuvens.com.br/serie-estudos/article/view/771/650>. Acesso em: 8 out. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FUNDAÇÃO NACIONAL DOS POVOS INDÍGENAS. FUNAI. **Terra Indígena Potiguara**. Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/>. Acesso em: 22 set. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. **Censo demográfico 2010: população indígena**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 22 set. 2025.

JOSÉ, Carmen Lúcia. Estruturas do documentário radiofônico: padrão e desviante. **Nhengatu – Revista Iberoamericana para Comunicação e Cultura Contra-hegemônica**, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 1-14, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.pucsp.br/index.php/nhengatu/article/view/34257/23538>. Acesso em: 18 mar. 2025.

KRENAK, Ailton. A presença indígena na universidade. **Maloca: Revista de Estudos Indígenas**, v. 1, n. 1, p. 9-16, 2018. DOI: <https://doi.org/10.20396/maloca.v1i1.13194>. Disponível em: <https://econtents.sbu.unicamp.br/inpec/index.php/maloca/issue/view/650>. Acesso em: 8 out. 2025.

LUCIANO, Gersem J. S.; AMARAL, Wagner R. Povos indígenas e educação superior no Brasil e no Paraná: desafios e perspectivas. **Integración y Conocimiento**, v. 10, n. 2, p. 13-37, 2021. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8171314>. Acesso em: 22 set. 2025.

MOONEN, Frans; MAIA, Luciano Mariz (Orgs.). **Etnohistória dos índios Potiguara: ensaios, relatórios, documentos**. João Pessoa: Procuradoria da República na Paraíba; Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Paraíba, 1992. Disponível em: https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Amoonen-1992-etnohistoria/Moonen%26Maia_1992_EtnohistoriaDosIndiosPotiguara.pdf. Acesso em: 8 out. 2025.

PORTAL POTIGUARA. **Descrição do Povo Potiguara**. Universidade Federal da

Paraíba (UFPB), 2022. Disponível em: <https://www.ufpb.br/portaltopotiguara/povo-potiguara-descricao/>. Acesso em: 03 out. 2024.

SANTOS, Antônio Nacílio Sousa dos *et al.* Educação decolonial: desafios epistêmicos e a luta contra o eurocentrismo, patriarcado e capitalismo na contemporaneidade. **Caderno Pedagógico**, Curitiba, v. 21, n. 10, p. 1-30, 2024. DOI: <https://doi.org/10.54033/cadpedv21n10-142>. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/9101/5335>. Acesso em: 8 out. 2025.

SILVA, João Djane Assunção da.; OLIVEIRA, Diogo Lopes de. Audiodocumentário no cenário podcasting: por um rádio independente e de caráter social. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana, MG, v. 11, n. 1, p. 182-199, jul./dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.63234/radiofonias.v11i1.4328>. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/4328/3397>. Acesso em: 8 out. 2025.

VIEIRA, José Glebson. Catimbó e Toré: práticas rituais e xamanismo do povo Potiguara da Paraíba. **Vivência: Revista de Antropologia**, v. 1, n. 54, 2019. DOI: <https://doi.org/10.21680/2238-6009.2019v1n54ID21126>. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/21126/12803>. Acesso em: 8 out. 2025.

WALSH, Catherine. Interculturalidade e decolonialidade do poder: um pensamento e posicionamento “outro” a partir da diferença colonial. **Revista Eletrônica da Faculdade de Direito de Pelotas**, v. 5, n. 1, 2019. DOI: <https://doi.org/10.15210/rfdp.v5i1.15002>. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/revistadireito/article/view/15002>. Acesso em: 8 out. 2025.

APÊNDICE A – PAUTA E ROTEIRO DE ENTREVISTA COM JAQUELINE POTIGUARA E EVA POTIGUARA

PAUTA E ROTEIRO DE ENTREVISTA	
PROGRAMA:	CAMINHANDO ENTRE DOIS MUNDOS
TIPO:	DOCUMENTÁRIO RADIOFÔNICO
FUNÇÃO:	PROFESSORAS
ENTREVISTADAS:	JAQUELINE POTIGUARA, EVA POTIGUARA
ENTREVISTADORA :	VITÓRIA SIQUEIRA

PROPOSTA:

HOJE, A IDEIA É COMPREENDEREMOS QUAIS FORAM AS MOTIVAÇÕES, DESAFIOS E CONTRIBUIÇÕES QUE A EXPERIÊNCIA UNIVERSITÁRIA PROPORCIONOU ÀS CONVIDADAS. TAMBÉM VAMOS ANALISAR QUAIS SÃO OS CONTORNOS QUE ENVOLVEM A ENTRADA E O EGRESSO, A VOLTA PARA COMUNIDADE E O RETORNO COMO PROFISSIONAL.

ENCAMINHAMENTO:

09/08 -SEXTA-FEIRA, 15H

NESSE PRIMEIRO DIA, VAMOS ATÉ A ALDEIA DO FORTE, LOCALIZADO NO MUNICÍPIO DE BAÍA DA TRAIÇÃO PARA CONVERSAR COM A PÓS-GRADUANDA EM PSICOPEDAGOGIA, JAQUELINE POTIGUARA NA SEDE DO PROJETO ÁGUAS POTIGUARA. A ENTREVISTA SERÁ PRESENCIAL E PARA ISSO UTILIZAREMOS UM MICROFONE LAPELA E UM CELULAR.

10/08 - SÁBADO, 14H30

NO SEGUNDO DIA, VAMOS CONVERSAR COM A PROFESSORA EVA POTIGUARA QUE VAI ESTAR NOS AGUARDANDO NA SEDE DO PROJETO ÁGUAS POTIGUARA. LÁ, VAMOS TRAZER ALGUNS PONTOS ESPECÍFICOS DA NOSSA ENTREVISTA VIA MEET. VAMOS PERGUNTAR PORQUE EVA SENTIU MEDO DE FALAR QUANDO CHEGOU NA UNIVERSIDADE, COMO ELA ENCARAVA AQUELE LUGAR E PORQUE ACHAVA QUE NÃO PERTENCIA TANTO QUANTOS OS OUTROS ALUNOS.

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- QUAL É O SEU CURSO?

- O QUE TE LEVOU A ESTAR NA UNIVERSIDADE? QUAIS FORAM AS SUAS MOTIVAÇÕES?

- QUAIS AS DIFICULDADES E DESAFIOS QUE VOCÊ ENFRENTOU? (AQUI - VOCÊ PODE PERGUNTAR SE FORAM FINANCEIROS, PRECONCEITO, ALGO RELACIONADA A UNIVERSIDADE EM SI.)

- QUAIS FORAM OS ÊXITOS QUE VOCÊ TEVE DAS APRENDIZAGENS NA UNIVERSIDADE?

- QUAL VOCÊ DIRIA QUE FOI A CONTRIBUIÇÃO DOS ANCIÕES E DAS ANCIÃS PARA A SUA FORMAÇÃO ACADÊMICA?

O QUE VOCÊ DESTACA DA FORMA QUE VOCÊ SAIU DA UNIVERSIDADE PARA O SEU CAMPO DE TRABALHO?

INFORMAÇÕES:

>>> FONTE: AGÊNCIA BRASIL

ENTRE 2011 E 2021, A QUANTIDADE DE MATRÍCULAS DE ALUNOS AUTODECLARADOS INDÍGENAS NO ENSINO SUPERIOR AUMENTOU 374%. DE ACORDO COM O CENTRO DE INTELIGÊNCIA ANALÍTICA CRIADO PELA ENTIDADE QUE REPRESENTA AS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR NO BRASIL (SEMESP), A REDE PRIVADA RESPONDEU PELA MAIORIA DELAS (63,7%), NO PERÍODO.

O LEVANTAMENTO REVELA QUE A MODALIDADE PRESENCIAL PREVALECEU (70,8%), ENTRE OS ESTUDANTES. UMA DAS BASES A QUE O INSTITUTO RECORREU PARA REALIZÁ-LO FOI O CENSO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR, ELABORADO PELO INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP).

APESAR DO CRESCIMENTO EXPRESSIVO, O CONTINGENTE DE ESTUDANTES INDÍGENAS, NO ANO DE 2021, ERA DE POUCO MAIS DE 46 MIL PESSOAS, O EQUIVALENTE A 0,5% DO TOTAL DE ALUNOS DO ENSINO SUPERIOR. OUTRO DADO QUE O INSTITUTO REALÇA É QUE O GÊNERO FEMININO PREDOMINA ENTRE OS ALUNOS INDÍGENAS, CORRESPONDENDO A 55,6%.

>>> DADOS LEVANTADOS EM MARÇO COM A UFPB:

- 740 INGRESSANTES, SENDO 409 MULHERES (TOTAL, DE 2012 ATÉ 2025)
- 104 CONCLUINTES, SENDO 59 MULHERES

FONTE: PORTAL POTIGUARA

OS POTIGUARA FAZEM PARTE DOS POVOS DA FAMÍLIA LINGUÍSTICA TUPI. HOJE, FALAM O PORTUGUÊS E ESTÃO REVITALIZANDO O TUPI POTIGUARA, NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA. NA ÚLTIMA LÍNGUA, POTIGUARA (POTÍGUARÁ) SIGNIFICA COMEDORES DE CAMARÃO (SILVA, ET.AL. 2022).

O CONJUNTO DE ALDEIAS CONSTITUEM TRÊS TERRAS INDÍGENAS (TIS) CONTÍGUAS, COM LIMITES DEFINIDOS DE 33.757 HECTARES, COMPORTANDO INCLUSIVE TRÊS ÁREAS URBANAS (VILA MONTE-MÓR (RIO TINTO), MARCAÇÃO E BAÍA DA TRAIÇÃO), ALÉM DE EXISTIR UM GRANDE CONTINGENTE DE INDÍGENAS FORA DAS TIS, NOS MUNICÍPIOS VIZINHOS DE MATARACA, MAMANGUAPE, JOÃO PESSOA, BAYEUX E CABEDELO.

APÊNDICE B – PAUTA E ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ESTEVÃO MARTINS E CRISTINA POTIGUARA

PAUTA E ROTEIRO DE ENTREVISTA	
PROGRAMA:	CAMINHANDO ENTRE DOIS MUNDOS
TIPO:	DOCUMENTÁRIO RADIOFÔNICO
ENTREVISTADO:	ESTEVÃO MARTINS PALITOT E CRISTINA POTIGUARA
FUNÇÃO:	ANTROPÓLOGO E DOUTORANDA
ENTREVISTADORA:	VITÓRIA SIQUEIRA

PROPOSTA:

HOJE, TEREMOS DUAS ABORDAGENS. COM O ESPECIALISTA VAMOS PEDIR UMA CONTEXTUALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO NA ALDEIA, DA ESCOLARIZAÇÃO ATÉ O ENSINO SUPERIOR, DESTACANDO OS ASPECTOS ESPECÍFICOS DOS POTIGUARA.

COM A DOUTORANDA VAMOS FOCAR NOS DESAFIOS DURANTE A GRADUAÇÃO, QUAL FOI O PAPEL DA EXPERIÊNCIA UNIVERSITÁRIA EM SUA VIDA, ÊXITOS, DESAFIOS, PARA ANALISARMOS COMO A EXPERIÊNCIA DELA SE DIFERE E QUAIS DESAFIOS SÃO COMPARTILHADOS COM AS DEMAIS HISTÓRIAS.

ENCAMINHAMENTO:

A ENTREVISTA SERÁ FEITA VIA GOOGLE MEET. VOCÊ VAI ENVIAR O LINK PARA OS CONVIDADOS E GRAVAR AS ENTREVISTAS PELO PRÓPRIO NOTEBOOK.

SUGESTÃO DE PERGUNTAS PARA ESTEVÃO:

- PRIMEIRO, GOSTARIA QUE VOCÊ FIZESSE UMA CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROCESSO EDUCACIONAL DOS POTIGUARA
- QUAIS VOCÊ ACREDITA QUE SÃO OS MAIORES DESAFIOS PARA INDÍGENAS DENTRO DA UNIVERSIDADE?
- COMO VOCÊ PERCEBE AS AÇÕES E PROJETOS QUE OS ESTUDANTES POTIGUARA TEM DESENVOLVIDO DENTRO DO CAMPUS IV?

>>> PERGUNTAS PARA CRISTINA:

- QUAIS ERAM AS SUAS MOTIVAÇÕES NA GRADUAÇÃO, MESTRADO E

AGORA NO DOUTORADO?

- QUAIS FORAM OS MAIORES DESAFIOS?
- QUAIS FORAM OS ÊXITOS DURANTE ESSE PERÍODO?
- DE QUE FORMA ESSA DEVOLUTIVA A COMUNIDADE SERIA FEITA?

INFORMAÇÕES:

SOBRE ESTEVÃO - PROFESSOR ASSOCIADO III DE SOCIOLOGIA DO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. PROFESSOR EFETIVO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA DA UFPB. DOUTOR EM SOCIOLOGIA PELO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (2010). POSSUI MESTRADO EM SOCIOLOGIA PELO MESMO PROGRAMA (2005) E GRADUAÇÃO EM BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (2003). COEDITOR DO ATLAS DO PERNAMBUCO INDÍGENA (WWW.ATLASINDIGENA.ORG). TEM EXPERIÊNCIA NA ÁREA DE ANTROPOLOGIA E SOCIOLOGIA DA CULTURA, COM ÊNFASE EM ETNICIDADE E RELAÇÕES INTERÉTNICAS, ATUANDO PRINCIPALMENTE NOS SEGUINTE TEMAS: POVOS INDÍGENAS, PROCESSOS DE TERRITORIALIZAÇÃO, IDENTIDADE, ETNICIDADE, DINÂMICAS CULTURAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS.

APÊNDICE C – ROTEIRO DO DOCUMENTÁRIO

CAMINHANDO ENTRE DOIS MUNDOS: A EDUCAÇÃO COMO MEIO DE RESISTÊNCIA DAS MULHERES POTIGUARA

FUNDO MUSICAL AKÁJU DO NORTE - CLARA POTIGUARA] - [0'00 ATÉ 0'12]
E [2'18 ATÉ 2'45]

[TRANSIÇÃO LEVE PARA OFF]

OFF 1: A MÚSICA QUE VOCÊ ACABOU DE OUVIR É AKAJÚ DO NORTE CANTADO EM TUPI PELA MULTIARTISTA INDÍGENA CLARA POTIGUARA.

SEGUNDO O PORTAL POTIGUARA, OS COMEDORES DE CAMARÃO, SIGNIFICADO DO NOME INDÍGENA EM TUPI, SÃO UM DOS POVOS MAIS ANTIGOS DO BRASIL E O ÚNICO QUE PERMANECEU NO MESMO TERRITÓRIO DESDE A COLONIZAÇÃO.

[SOBE SOM MARACÁS]

OFF 2: UM POVO MARCADO PELA RESISTÊNCIA E POR MUITAS HISTÓRIAS. COMPARTILHADAS DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO. / UMA DESSAS HISTÓRIAS É DONA CLEIDE QUEM ME CONTA. ELA É UMA ANCIÃ POTIGUARA E FOI UMA DAS PRIMEIRAS PROFESSORAS DA REGIÃO. HOJE, ELA TEM 75 ANOS E RELEMBRA UMA DAS PRINCIPAIS DIFICULDADES DA INFÂNCIA NA ALDEIA: ESTUDAR.

[ENTRA SONORA CLEIDE]

(0'54 ATÉ 1'27) - MUITA DIFICULDADE, ESTUDEI MUITO. COM MUITA, MUITA DIFICULDADE. MEUS PAIS, MUITO CARENTES, NÉ? O TRABALHO DAQUI SEMPRE FOI AGRICULTURA, E UMA AGRICULTURA QUE NÃO TEM AJUDA ASSIM, FINANCEIRA DE NINGUÉM, NÉ? A FUNAI ERA QUEM SEMPRE FALAVA QUE ESTAVA AQUI, SEMPRE TEVE ATUANDO NAS ALDEIAS PARA AJUDAR, NÉ? MAS É UMA AJUDA QUE É PARA UNS E OUTROS NÃO. NÃO CHEGA A TODO MUNDO, NÃO.

(3'09 ATÉ 3'21) - A GENTE IA PARA A ESCOLA, NÃO TINHA MERENDA NA ESCOLA, A GENTE LEVAVA DE CASA O QUE TINHA, NÉ? UMA MANGA, UMA BANANA, UMA LARANJA, ERA O QUE A GENTE LEVAVA. BEIJU.

[SOBE SOM MULTIDÃO CONVERSANDO]

OFF 3: A CHEGADA E SAÍDA DE PESSOAS EM ÔNIBUS, CARROS E MOTOS, CARREGANDO MOCHILAS E BAGAGENS, COM DESTINO A OUTROS

MUNICÍPIOS E TAMBÉM PARA OUTROS ESTADOS, REVELA ONDE EU ESTOU./ ESSE LUGAR É A RODOVIÁRIA DE JOÃO PESSOA.

[SOB SOM ÔNIBUS SE PREPARANDO PARA DAR PARTIDA]

OFF 4: MAS PARA ENTENDER COMO EU VIM PARAR AQUI PRECISAMOS VOLTAR UM POUCO NO TEMPO.

[SOBE SOM FITA CASSETE REBOBINANDO]

OFF 5: HÁ UM MÊS NUMA MISTURA DE MEDO E CORAGEM EMBARQUEI SOZINHA PARA BAÍA DA TRAIÇÃO, MUNICÍPIO QUE FICA A 90KM DA CAPITAL PARAIBANA. // ALGO QUE EU NUNCA TINHA FEITO ANTES.//

A PRIMEIRA VEZ QUE ESTIVE LÁ FOI NUMA VIAGEM COM A MINHA MÃE QUANDO TINHA OITO ANOS. ELA QUERIA QUE EU CONHECESSE A FAMÍLIA DO MEU PAI QUE É POTIGUARA.//

>>> COLOCAR O SOBE SOM MARACÁS INDÍGENAS 2 COM FADE PARA OFF]
<<< - SALVEI NO DRIVE COMO MARACÁS 2

OFF 6: A ESSA ALTURA, VOCÊ DEVE ESTAR SE PERGUNTANDO POR QUE EU DECIDI VOLTAR./ EU TE EXPLICO/ A IDEIA SURTIU HÁ ALGUNS MESES, DEPOIS DE CONVERSAR COM PROFESSORES SOBRE O TEMA DO MEU TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO.

NA ÉPOCA, TINHA COMEÇADO A PESQUISAR OS DESAFIOS DAS MULHERES INDÍGENAS NO ACESSO À UNIVERSIDADE, UM ASSUNTO QUE SEMPRE ME INTERESSOU.

DURANTE A PESQUISA COMECEI A ME PERGUNTAR POR QUE ELAS DEIXAVAM AS ALDEIAS PARA ESTUDAR E QUAIS ERAM OS BENEFÍCIOS DE VOLTAR PARA A COMUNIDADE JÁ COMO UMA PROFISSIONAL./

FOI EM BUSCA DESSAS RESPOSTAS QUE VOLTEI A BAÍA DA TRAIÇÃO./

AGORA QUE VOCÊ SABE POR QUE EU ESTOU AQUI, É HORA DE SEGUIR COM A NOSSA VIAGEM. /

[SOB SOM DE ÔNIBUS DANDO PARTIDA]

OFF 7: O PERCURSO DE ÔNIBUS DURA CERCA DE UMA HORA E MEIA. O PRINCIPAL ACESSO ATÉ ÀS ALDEIAS PARA QUEM É VISITANTE É POR MOTO TÁXI.

A ESTRADA É DE TERRA/. AS CASAS DE ALVENARIA E DE TAIPA, SÃO CERCADAS POR ÁRVORES E PLANTAS QUE COMPÕEM A PAISAGEM DO

LUGAR.

OFF 8: SE APROXIMANDO DAS ALDEIAS, UMA COISA CHAMA A MINHA ATENÇÃO// NO CAMINHO SE MISTURAVAM TRECHOS DE TERRA E TRECHOS CALÇADOS. // O CALÇAMENTO É UM SÍMBOLO AO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE ALGUMAS CIDADES BRASILEIRAS QUE CRESCERAM EM TORNO DE ALDEAMENTOS INDÍGENAS.

[SOB SOM DE CARROS E MOTO COM TRANSIÇÃO PARA SONS DA NATUREZA]

OFF 9: ERAM QUASE DUAS HORAS DA TARDE QUANDO CHEGUEI NA CASA DE DONA CLEIDE, AQUELA QUE VOCÊ OUVIU LÁ NO COMEÇO./ UM DETALHE IMPORTANTE: CLEIDE DUARTE É O NOME QUE ESTÁ NA CERTIDÃO DE NASCIMENTO, MAS É COMO CLEIDE POTIGUARA QUE ELA SE APRESENTA A MIM./ AO LONGO DO DOCUMENTÁRIO, VOCÊ VAI PERCEBER QUE NÃO É SÓ ELA QUE SE CHAMA ASSIM./ TODAS AS ENTREVISTADAS CARREGAM NO NOME A LIGAÇÃO COM A ETNIA DELAS./

[SOB SOM MARACÁS - 5S]

DEPOIS DE 25 ANOS TRABALHANDO COMO PROFESSORA DONA CLEIDE ESTÁ APOSENTADA E APESAR DA MEMÓRIA COMEÇAR A FALHAR EM ALGUNS MOMENTOS, QUANDO PERGUNTO PORQUE DECIDIU ENSINAR, ELA NÃO PENSA DUAS VEZES.

[ENTRA SONORA DONA CLEIDE]

(7'41 ATÉ 7'57) - FOI A NECESSIDADE QUE EU VIA, EU JÁ ERA DE MAIOR, JÁ ENTENDIA ALGUMA COISA, E EU VIA MEUS IRMÃOS INDÍGENAS. TUDO PRECISANDO DE ESTUDAR, NÉ, CRESCER. E NÃO TINHA... NÃO TINHA ESTUDO NENHUM POR AQUI.

(8'45 ATÉ 9'07) - O MEU PRIMEIRO TRABALHO FOI ENSINAR ESSAS PESSOAS PARA QUE ELAS APRENDESSEM A LER, QUE NÃO SABIA DE NADA, MESMO, NÃO SABIA NEM PEGAR, NEM DIREITO. PEGAR UM LÁPIS. FOI MUITO DIFÍCIL, VIU? EU, COM TODA A PACIÊNCIA, CONSEGUI ALGUNS, A LER E ESCRIVER, PELO MENOS CONHECER, CONHECER AS SÍLABAS, JUNTAR AS SÍLABAS E LER A PALAVRINHA, A PALAVRINHA GOMA.

OFF 10: ELA FOI UMA DAS MONITORAS DO MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO, O MOBRAL, QUE TINHA O OBJETIVO DE ACABAR COM O ANALFABETISMO NO PAÍS.// NA ÉPOCA, POR SER UMA DAS POUCAS PESSOAS QUE SABIAM LER E ESCRIVER, FOI UMA DAS CONVIDADAS PARA FAZER O CURSO DE MAGISTÉRIO QUE TINHA A DURAÇÃO DE TRÊS ANOS.

(9'11 ATÉ 9'20) - E FOI DAÍ POR DIANTE QUE EU COMECEI A ME ESFORÇAR E SENTIR MAIS NECESSIDADE DE APRENDER, ENSINAR MEUS IRMÃOS INDÍGENAS, NÉ?

(11'20 ATÉ 11'37) - UM CURSO QUE EQUIVALIA AO PEDAGÓGICO, NÃO ERA O ENSINO UNIVERSITÁRIO, NÃO, ERA O PEDAGÓGICO. NAQUELA ÉPOCA EXISTIA O PEDAGÓGICO, SE NÃO TIVESSE O PEDAGÓGICO, A MESMA COISA. SE HOJE EM DIA, SE VOCÊ NÃO TIVER O CURSO DE PEDAGOGIA, VOCÊ NÃO ENTRA NUMA SALA DE AULA, NÉ?

[SOB SOM DE MOTO PASSANDO PELA ESTRADA]

OFF 11: O NOSSO PRÓXIMO DESTINO FICA NA ALDEIA FORTE. O LOCAL ESCOLHIDO PARA AS ENTREVISTAS FOI A SEDE DO ÁGUAS POTIGUARA./ UM PROJETO DESENVOLVIDO PELOS MORADORES DA ALDEIA DO FORTE E ALTO DO TAMBÁ QUE FAZ A LIMPEZA DO RIO DO ATERRO./ O AMBIENTE TRANQUILO E PALCO DE GRANDES ENCONTROS COMO ENTREVISTAS E REUNIÕES PARECIA O CENÁRIO IDEAL PARA ESSA CONVERSA.

[SOB SOM DE RIO E FADE PARA O OFF]

OFF 12: OUTRA PROFESSORA QUE CONHECI FOI EVA POTIGUARA./ ERA ELA QUEM EU ESTAVA AGUARDANDO NA SEDE DO ÁGUAS// FORMADA EM PEDAGOGIA PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, ELA FOI A PRIMEIRA MULHER DA FAMÍLIA A ENTRAR NA UNIVERSIDADE/. UMA OPORTUNIDADE QUE PARECIA DISTANTE ATÉ POUCO TEMPO.

[ENTRA SONORA DE EVA POTIGUARA]

(2'12 ATÉ 2'24) - EU ME CHAMO EVA, TÂNIA, VIANA CAVALCANTE, MAS EU CONHEÇO, CONHECIDA NO MEIO DO MOVIMENTO SOCIAL, COMO EVA POTIGUARA, POR CAUSA DO MEU POVO.

(10'33 ATÉ 10'44) - QUANDO EU PASSEI NO VESTIBULAR, EU NEM FUI SABER O RESULTADO. JÁ VIERAM ME CONTAR QUE EU TINHA PASSADO E MINHA MÃE COMEÇOU A GRITAR LÁ, LÁ DE BAIXO, ENCONTREI LÁ NA RUA QUE MINHA FILHA PASSOU NO VESTIBULAR, QUE ELA IA SER PROFESSORA. -

(10'57 ATÉ 11'07) - QUANDO EU CHEGUEI NA UNIVERSIDADE, EU FUI DESACREDITANDO. SERÁ QUE MEU NOME ESTÁ NA LISTA? SE EU CHEGAR LÁ E NÃO TIVER, EU VOU PASSAR VERGONHA. PORQUE EU NÃO ACREDITAVA. FIZ TUDO O QUE TINHA PARA FAZER, MAS EU NÃO ACREDITAVA QUE EU TINHA PASSADO AINDA.

[ENTRAR FADE ANTES DOS OFF]

OFF 13: EU TAMBÉM CONVERSEI COM A PROFESSORA DE TUPI E PÓS GRADUANDA EM PSICOPEDAGOGIA, JAQUELINE POTIGUARA.// ELA COMEÇOU DANDO AULAS DE REFORÇO AOS 17 ANOS MAS CONTA QUE FEZ

PEDAGOGIA POR OUTROS MOTIVOS.

[ENTRA SONORA JAQUELINE POTIGUARA]

(0'59 ATÉ 1'12) -EU ME ENCONTREI MESMO, ASSIM, UMA MANEIRA MAIS FÁCIL PARA MIM ESTAR ESTUDANDO E TRABALHANDO. FOI ESTUDANDO EM UMA UNIVERSIDADE PARTICULAR. E AÍ EU CONCLUÍ PEDAGOGIA.

(2'18 ATÉ 2'30) - EU FIZ HISTÓRIA TAMBÉM EM GUARABIRA, FOI O PRIMEIRO QUE EU PASSEI. O VESTIBULAR QUE EU PASSEI NO UEPB FOI ESSE, MAS EU TAMBÉM NÃO CONSEGUI CONCLUIR COM RELAÇÃO À DISTÂNCIA E AO TRABALHO. ENTÃO, ERAM QUESTÕES QUE ME ATRAPALHAVAM UM POUCO.

OFF 14: ESTAR NA UNIVERSIDADE ENVOLVIA UMA SÉRIE DE DIFICULDADES QUE COMEÇAVA DENTRO DE CASA.// FILHA DE PAIS AGRICULTORES E COM DOZE IRMÃOS, A SOBREVIVÊNCIA DA FAMÍLIA DE EVA POTIGUARA ERA NA BASE DA ENXADA./ ESTUDAR ERA UM PRIVILÉGIO./ SER PROFESSORA FOI UMA ESCOLHA QUE TOMOU POR INFLUÊNCIA DA SUA MÃE./

[ENTRA SONORA EVA POTIGUARA]

(6'16 ATÉ 6'35) - E ELA SEMPRE DIZIA QUE, SE ELA TIVESSE A OPORTUNIDADE DE ESTUDAR, ELA SERIA PROFESSORA. ERA O SONHO DELA SER PROFESSORA, PORQUE ELA DIZIA, OLHA, SE EU SOUBESSE LER E ESCREVER, EU GANHAVA O MUNDO. PORQUE HOJE EM DIA SÓ FICA PARA TRÁS QUEM NÃO SABE LER E ESCREVER. ENTÃO, EU CRESCI COM AQUILO DELA, DIZENDO QUE QUEM NÃO SABIA LER E ESCREVER ERA CEGO NO MUNDO.

OFF 15: SE OS MOTIVOS DE EVA E JAQUELINE ERAM DIFERENTES, OS DESAFIOS DE SER UMA MULHER INDÍGENA DENTRO DE UMA UNIVERSIDADE ERAM BEM COMUNS.//

PARA ENTENDER O QUE ESSAS DIFICULDADES SIGNIFICAM EM NÚMEROS, LEVANTEI DADOS SOBRE A PRESENÇA DAS MULHERES INDÍGENAS NA PRINCIPAL UNIVERSIDADE PÚBLICA DO ESTADO, A UFPB.

EM DOZE ANOS, QUATROCENTAS MULHERES INDÍGENAS ENTRARAM NA INSTITUIÇÃO. E APENAS CINQUENTA E NOVE CONSEGUIRAM CONCLUIR O CURSO.

[ENTRA SONORA JAQUELINE POTIGUARA]

(3'11 ATÉ 3'35) - EXISTIA MUITO PRECONCEITO DENTRO DA UNIVERSIDADE, COM RELAÇÃO A INDÍGENAS E COM RELAÇÃO A GENTE SE AFIRMAR. A GENTE ANDAR PINTADO, A GENTE FALAR SOBRE O NOSSO POVO. EU SEMPRE APRENDI QUE DESDE O INÍCIO, QUANDO EU COMECEI A ESTUDAR

DE PEQUENININHA, MESMO NA ESCOLA, MEU PAI SEMPRE ME INCENTIVOU MUITO A FALAR QUEM EU ERA. ENTÃO EU NUNCA ACHEI PROBLEMA NISSO E NUNCA ESCONDI.

[ENTRA SONORA EVA POTIGUARA]

(11'14 ATÉ 11'38) - E EU COMECEI A VER GENTE ALI DE TODO TIPO. TIPO, EU NÃO ME SENTIA INCLUÍDA NAQUELE AMBIENTE. PORQUE... A GENTE JÁ COMEÇOU DESDE O PRIMEIRO DIA DE AULA A SOFRER A QUESTÃO DO PRECONCEITO, NÉ? DE QUE INDÍGENA, DE QUE NÃO SABER QUE BAÍA DA TRAIÇÃO TINHA INDÍGENA, DE QUE SERÁ QUE ERA INDÍGENA MESMO.

OFF 16: A FALTA DE APOIO FINANCEIRO TAMBÉM FOI UM DESAFIO EM COMUM EM QUASE TODAS AS HISTÓRIAS QUE EU OUVI./ O RELATO DE EVA EXPÕE ESSA REALIDADE./

[ENTRA SONORA EVA POTIGUARA]

(13'43 ATÉ 13'50) A ÚNICA COISA QUE EU TINHA ERA UM BOLSA-FAMÍLIA DE 60 REAIS NA ÉPOCA. PORQUE ME SUSTENTOU MAIS OU MENOS UM ANO E MEIO, NOS TRÊS PERÍODOS.

(12'48 ATÉ 13'19) - UMA UNIVERSIDADE, TIPO ASSIM, É PÚBLICA, ENTRE ASPAS, NÉ? PORQUE ONDE VOCÊ TEM QUE COMPRAR APOSTILA, VOCÊ TEM QUE SE ALIMENTAR. PORQUE EU SAÍA DAQUI DA BAHIA. TRAIÇÃO DE QUATRO HORAS DA TARDE. ISSO AÍ É PORQUE O ÔNIBUS QUE SAÍA DA BAHIA ERA O ÔNIBUS QUE IA PARA A JOÃO PESSOA. ENTÃO, EU TINHA QUE SAIR MUITO CEDO. ENTÃO, EU SAÍA ÀS QUATRO DA TARDE E MINHA AULA SÓ COMEÇAVA ÀS SETE HORAS DA NOITE, EM MAMANGUAPE. ENTÃO, EU TINHA QUE... TER DINHEIRO PRA COMER.

[ENTRA SONORA JAQUELINE POTIGUARA]

(15'25 ATÉ 15'49) - EXISTEM COTAS QUE PERMITEM QUE REALMENTE ACONTEÇA ESSE PROCESSO DE ENTRADA, MAS E AÍ A PERMANÊNCIA, COMO É QUE ACONTECE? É O QUE ACONTECEU COMIGO. POR EXEMPLO, DE NÃO CONSEGUIR ESTAR NA UNIVERSIDADE TODOS OS DIAS, DE NÃO TER ESSA... COMO É QUE EU POSSO DIZER, ESSA POSSIBILIDADE DE ESTAR LÁ DENTRO, NÉ? E POR QUESTÕES DE TRABALHO, POR QUESTÕES DE FAMÍLIA, DEPOIS, QUANDO EU COMECEI, NÉ, QUANDO EU CASEI, TIVE FILHOS, TUDO ISSO DIFICULTA.

OFF 17: DURANTE A NOSSA JORNADA EU TAMBÉM CONHECI CRISTINA POTIGUARA./ ELA É UMA REFERÊNCIA NA ALDEIA FORTE/ DEPOIS DE UM PERÍODO LONGE, ELA VOLTA PARA SUA TERRA./ A DISTÂNCIA ERA POR UMA BOA CAUSA: ESTAVA NA BOLÍVIA FAZENDO UM DOUTORADO./ CONVERSANDO COMIGO ELA LEMBRA LÁ DO INÍCIO DA GRADUAÇÃO QUE FOI MARCADA POR DESAFIOS./ UM DELES FOI JUSTAMENTE A TECNOLOGIA,

QUE AGORA PERMITIA NOSSA CONVERSA./

[ENTRA SONORA CRISTINA POTIGUARA]

(27'25 ATÉ 27'40) - PORQUE NEM SEMPRE AS PESSOAS QUE SAEM DE DENTRO DA SUA COMUNIDADE, SAEM DA SUA CASA PARA ACESSAR AS UNIVERSIDADES, TÊM RECURSO. E A GENTE SABE QUE, MESMO SENDO PÚBLICA, NECESSITA DE UM RECURSO PARA SE MANTER, PARA TER UMA ALIMENTAÇÃO, PARA TER UM LUGAR PARA MORAR.

(27'49 ATÉ 28'02) - SÃO N NECESSIDADES. VOCÊ PRECISA DE UM EQUIPAMENTO BÁSICO, PELO MENOS UM COMPUTADOR, PARA PODER ESTAR TENDO ACESSO E VOCÊ ACOMPANHAR TAMBÉM AS ATIVIDADES. E EU VEJO QUE A UNIVERSIDADE AINDA ESTÁ MUITO PRESA PARA UMA OUTRA... ELA TEM COMO ESPECIFICIDADE UM OUTRO GRUPO.

>>> [ENTRA SOB SOM BOM ÁRVORES SALVO NO DRIVE - 4S]<<<

OFF 18: OS INTERESSES NA ALDEIA ERAM OUTROS// ENVOLVIAM O CONHECIMENTO ANCESTRAL, OUVIR AS NARRATIVAS CONTADAS PELOS MAIS VELHOS, O TEMPO DE PLANTAR E COLHER, BRINCAR COM OS FILHOS./ EVA CONTA QUE NÃO SABIA COMO MEXER NO COMPUTADOR, ABRIR UM EMAIL, BAIXAR ARQUIVOS, ERAM COISAS NOVAS QUE ELA NÃO SABIA COMO FAZER.

[ENTRA SONORA EVA POTIGUARA]

(26'05 ATÉ 26'21) - ELES SEMPRE ME QUESTIONAVAM, PORQUE EU SÓ ENTREGAVA MEUS TRABALHOS ESCRITO À MÃO. AH, MAS TEM QUE DIGITAR PORQUE... NÃO, MAS EU NÃO TENHO CONDIÇÕES DE FICAR DIGITANDO. UMA HORA NA LAN HOUSE É MUITO TEMPO. E PARA QUEM NÃO TEM PRÁTICA, GASTAR MUITO TEMPO É MUITO DINHEIRO. ENTÃO, SE QUISER RECEBER, VAI TER QUE SER NA MÃO.

(26'41 ATÉ 26'54) - .. PORQUE MESMO QUE FOSSE NO MANUSCRITO, MAS EU TINHA PESQUISADO, EU TINHA ESTUDADO. ENTÃO, ASSIM, A RECURSO DO TRABALHO DEIXAVA A PESSOA TRISTE. DEPOIS DE UM DIA TENTANDO, ESCRREVENDO, AJEITANDO, PARA CHEGAR LÁ, E A PROFESSORA DIZER QUE NÃO SERVIA.

[ENTRA SONORA CRISTINA POTIGUARA]

(26'35 ATÉ 26'53) - EU ACHO QUE A UNIVERSIDADE, ATÉ HOJE, ELA NÃO FOI CRIADA PARA PESSOAS DE COMUNIDADES TRADICIONAIS. EU AINDA VEJO MUITO UMA DIFICULDADE NESSA QUESTÃO DO ACESSO. E SE TEM DIFICULDADE NO ACESSO, TEM UMA DIFICULDADE DIFICULDADE MAIOR AINDA NA PERMANÊNCIA, PORQUE, E AÍ EU PODERIA ATÉ USAR, COMO EXEMPLO, MEU PRÓPRIO DOUTORADO E MEU PRÓPRIO MESTRADO.

OFF 19: NO INÍCIO DA GRADUAÇÃO, CRISTINA PRECISOU FAZER UM CURSO DE COMPUTAÇÃO DE TRÊS MESES SÓ PARA APRENDER A DIGITAR NO WORD. QUANDO COMEÇARAM AS AULAS ELA ESCONDIA ISSO DO PROFESSOR, COM VERGONHA./ AGORA, CONVERSAMOS, À DISTÂNCIA, EM UMA ENTREVISTA PELO MEET.

[ENTRA SONORA CRISTINA POTIGUARA]

(48'49 ATÉ 49'20) - E AÍ TODO DIA QUE EU IA PARA AQUELA AULA DAQUELE PROFESSOR ABENÇOADO. EU TROCAVA, EU DIZIA, HOJE EU NÃO VOU SENTAR NESSE AQUI, PORQUE ESSE ESTÁ QUEBRADO, EU VOU SENTAR NAQUELE OUTRO. QUANDO EU SENTAVA, ESTAVA RUIM DO MESMO JEITO. E EU NÃO SABIA QUE TINHA QUE LIGAR PRIMEIRO NA CPU, DEPOIS QUE LIGAR NO ESTABILIZADOR, DEPOIS QUE LIGAR NO CELULAR. EU NÃO SABIA QUE TINHA TRÊS BOTÕES, PARA MIM SÓ ERA UM. PORQUE NO PRIMEIRO DIA DE AULA EU TINHA FALTADO. ENTÃO, ASSIM, PARA A GENTE QUE TEM ESSA DEFICIÊNCIA NA QUESTÃO DA EDUCAÇÃO, UM DIA FAZ UMA DIFERENÇA ENORME NA NOSSA VIDA.

OFF 20: PARA O ANTROPÓLOGO ESTEVÃO MARTINS, AS BARREIRAS TECNOLÓGICAS ENFRENTADAS POR CRISTINA E EVA SÃO UM REFLEXO DA FALHA NO PROCESSO DE ADEQUAÇÃO QUE EXISTE DENTRO DAS UNIVERSIDADES. / É MAIS UMA PENEIRA QUE ELIMINA MUITAS PESSOAS DE UM CONTEXTO ONDE NADA DISSO É FAMILIAR.

[ENTRA SONORA ESTEVÃO - 2 PARTE DA ENTREVISTA]

(11'54 ATÉ 12'32) - AS PESSOAS JÁ CHEGAM NA UNIVERSIDADE COM TODAS ESSAS QUESTÕES, AS DISTÂNCIAS, AS DIFICULDADES FINANCEIRAS, AS FAMÍLIAS QUE NÃO TÊM... COM ESCOLARIDADE ALTA, MUITOS, MUITOS DESSES JOVENS. POTIGUARA, DE 30 ANOS, OS PAIS, QUANDO MUITO, TÊM UM ENSINO FUNDAMENTAL, INCOMPLETO. AGRICULTORES, PESCADORES, DONAS DE CASA, VAQUEIROS, GENTE QUE VIVEU A VIDA TODA DO SUOR, QUE NUNCA TEVE TEMPO PARA PARAR E LER UM LIVRO, NUNCA TEVE ACESSO A UM LIVRO.

[ENTRA SONORA DE CRISTINA POTIGUARA]

OFF 22: VOCÊ LEMBRA DA PROFESSORA EVA COM QUEM FALAMOS NO INÍCIO DO NOSSO DOCUMENTÁRIO?/ QUANDO CHEGOU NA UNIVERSIDADE, NEM E-MAIL TINHA. /FOI O IRMÃO QUEM CRIOU UMA CONTA NO GMAIL PARA QUE NÃO PERDESSE OS CONTEÚDOS DAS DISCIPLINAS./ MAS A DIFICULDADE COM COMPUTADOR E CELULAR NÃO FORAM OS ÚNICOS OBSTÁCULOS NO CAMINHO.

[ENTRA SONORA EVA POTIGUARA]

(23'40 ATÉ 24'05- EU NÃO ERA PREPARADA PARA ESTAR NA UNIVERSIDADE. MINHA PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA, ELA SEMPRE FALAVA ASSIM, OLHA, TENTA FALAR DE MANEIRA FORMAL, UMA LÍNGUA MAIS CULTA, PORQUE AGORA VOCÊ É UNIVERSITÁRIA. EU DIZIA PARA ELA QUE POR QUE EU TERIA QUE FALAR ASSIM? DE MANEIRA FORMAL, SE DENTRO DA MINHA CASA, O POVO FALAVA NO DIALETO LOCAL.

(24'16 ATÉ 24'27) - ... TINHA VERGONHA TAMBÉM, MUITA VERGONHA DE FALAR EM PÚBLICO, DE ME EXPRESSAR PARA AS PESSOAS, PRINCIPALMENTE EM SEMINÁRIO NA UNIVERSIDADE.

[ENTRA SONORA CRISTINA POTIGUARA PARTE 1]

(31'40 ATÉ 32'00) - QUANDO A GENTE ESTÁ LÁ DENTRO, É QUE A GENTE REALMENTE OLHA PARA TODOS. E EU NÃO ME ENXERGO NESSE LUGAR. PORQUE NÃO É SÓ A QUESTÃO DAQUELES OLHARES CRÍTICOS, QUE VOCÊ RECEBE POR PARTE DE COLEGAS, POR PARTE DE PROFESSORES, PRINCIPALMENTE, É O FATO DE VOCÊ SE COLOCAR E DIZER ASSIM, CARA, O QUE É QUE EU ESTOU FAZENDO AQUI?

OFF 23: O PRECONCEITO, AS DIFICULDADES FINANCEIRAS, AS BARREIRAS DIGITAIS E O CHOQUE CULTURAL FAZIAM DA UNIVERSIDADE UM LUGAR HOSTIL E EXCLUDENTE. ALGO QUE IMPLICAVA EM UMA SÉRIE DE EXCLUSÕES DE GÊNERO, CLASSE E ETNIA./

[ENTRA SONORA DE ESTEVÃO - 1 PARTE DA ENTREVISTA]

(32'39 ATÉ 33'01) - A UNIVERSIDADE NÃO FOI FEITA PARA INDÍGENA, NÃO FOI FEITA PARA NEGRO, NÃO FOI FEITA PARA MULHER, NÃO FOI FEITA PARA POBRE, NÃO FOI FEITA PARA TRABALHADOR. A ESTRUTURA DA UNIVERSIDADE INTEIRA NÃO FOI FEITA PARA A MAIORIA DA POPULAÇÃO. ISSO NÃO É REALIDADE, SÓ DAQUI NÃO, É A REALIDADE DO ENSINO SUPERIOR NO MUNDO TODO.

OFF 24: EU TE CONVIDO AGORA A FAZER UM EXERCÍCIO DE REFLEXÃO, EU QUERO QUE PENSE EM TODAS AS DIFICULDADES QUE JÁ OUVIU FALAR SOBRE COMO É ESTAR NUMA UNIVERSIDADE./ PENSOU?/ SE EU TE DISSER QUE ATÉ MESMO AS PREOCUPAÇÕES QUE VOCÊ PODE TER LEMBRADO ERAM COISAS BEM DIFERENTES DAQUELAS QUE MULHERES INDÍGENAS NO MESMO CONTEXTO DAQUELES QUE VOCÊ IMAGINOU ESTAVAM VIVENDO, VOCÊ ACREDITARIA?

[ENTRA SONORA CRISTINA POTIGUARA PARTE 1]

(50'04 ATÉ 50'29) - EU QUERIA QUE AS COISAS FOSSEM UM POUCO MAIS FÁCEIS PRA MIM. EU GOSTARIA MUITO, DE VERDADE, QUE EU NÃO TIVESSE QUE TER PASSADO FOME, QUE EU NÃO TIVESSE QUE TER QUE PEDIR. CARONA PRA PODER IR PRA CASA, PRA PODER IR PRA UNIVERSIDADE. EU GOSTARIA MUITO DE TER TIDO AS CONDIÇÕES PRA... PAGAR TODAS AS

APOSTILHAS QUE EU PRECISAVA PRA FAZER UMA PROVA DE CHEGADA NA UNIVERSIDADE E TER QUE FAZER UMA PRA VOCÊ SEM VOCÊ SABER NADA, PORQUE VOCÊ NÃO TINHA COMO PAGAR UM LIVRO, VOCÊ NÃO TINHA COMO PAGAR UMA APOSTILA.

[ENTRA SONORA EVA]

(33'08 ATÉ 33'41) HAVIA UMA RESISTÊNCIA DE QUE TUDO QUE EU QUERIA FALAR, EU QUERIA TRANSFORMAR AQUILO NA MINHA REALIDADE. ELE SEMPRE COLOCAVA ASSIM, VOCÊ TEM QUE PARAR DE ESCREVER NA PRIMEIRA PESSOA, QUE ERA EU. ENTÃO, TUDO QUE EU IA FAZER, EU COLOCAVA EU COMO PROTAGONISTA DAQUELA HISTÓRIA, DAQUILO QUE EU ESTAVA FAZENDO. ENTÃO, ASSIM, VOCÊ TEM QUE PARAR DE PENSAR QUE NA UNIVERSIDADE NÃO É VOCÊ, VOCÊ NÃO É O OBJETO. VOCÊ VAI TER QUE USAR UM OUTRO TERMO QUE, ISSO MAIS NÃO TEM COMO. PORQUE TUDO QUE EU PESQUISEI, TUDO QUE EU VIVO É EU.

OFF 25: EVA EXPLICA QUE DENTRO DA COMUNIDADE POTIGUARA EXISTE UM MOVIMENTO COLETIVO DE LUTA E RESISTÊNCIA. ENTÃO, ENQUANTO PESQUISAVA NÃO CONSEGUIA FAZER ESSA SEPARAÇÃO.

[ENTRA SONORA EVA POTIGUARA]

(34'00 ATÉ 34'18) QUANDO EU TRAZIA ESSE, EU, EU ME TRAZIA ENQUANTO POVO. SE EU FOSSE FALAR DO POVO POTIGUARA, EU ME COLOCAVA DENTRO DA FALA DAQUELE POVO POTIGUARA. EU NÃO ERA UMA PESSOA QUE EU IA FALAR, EU IA BOTAR SÓ O MEU EGO, NÉ? ENQUANTO PESSOA, PORQUE... EU NUNCA PENSEI ASSIM, ATÉ HOJE, EU AINDA NÃO PENSO ASSIM. TUDO QUE EU FAÇO, EU FALO PELO MEU POVO.

[SOB SOM BAIXINHO DE CRIANÇAS BRINCANDO]

OFF 26: PARA UM GRUPO DE MULHERES POTIGUARA, EXISTE AINDA UM DESAFIO A MAIS NA VIDA DE ESTUDANTE: A MATERNIDADE./ AS MÃES PRECISAM SE PREOCUPAR COM DESAFIOS DIFERENTES.

[SONORA COM SAMIRA MÃE ESTUDANTE]

(0'43 ATÉ 1'23) UM DOS DESAFIOS E DIFICULDADES QUE ENCONTREI, MESMO ANTES DE INGRESSAR NA FACULDADE, FOI COM A REALIZAÇÃO DA PROVA DO ENEM, QUE EU PRECISEI LEVAR O MEU FILHO. NA ÉPOCA, ELE TINHA APENAS QUATRO MESES DE VIDA. DURANTE A PROVA, EU ERA CONSTANTEMENTE CHAMADA POR UM SEGURANÇA PARA AMAMENTÁ-LO. ENTÃO, AÍ ESTÁ UM DESAFIO QUE EU ENFRETEI, QUE FOI A MATERNIDADE E A REALIZAÇÃO DA PROVA. E, NO PERÍODO DE 2021.1, QUANDO EU INGRESSEI NA UNIVERSIDADE, OS DESAFIOS CONTINUARAM.

OFF 27: ESSA QUE VOCÊ ACABOU DE OUVIR É SAMIRA POTIGUARA, ELA É ESTUDANTE DE ECOLOGIA DA UFPB E VAMOS CONHECER MAIS UM POUCO

SOBRE ELA DAQUI A POUCO./ AS DIFICULDADES QUE ELA VIVEU FORAM UM DOS FATORES ANALISADOS POR CRISTINA NA ESCOLHA DE NÃO SER MÃE./

[ENTRA SONORA CRISTINA POTIGUARA PARTE 3]

(0'25 ATÉ 0'33) - EU TENHO MEDO DE SER MÃE, PORQUE EU TAMBÉM TENHO MEDO (0:26) DAS RESPONSABILIDADES QUE CARREGA UMA MÃE, QUE SE TEM UMA MÃE, E É UMA RESPONSABILIDADE PARA O RESTO DA VIDA.

(1'03 ATÉ 1'24) PORQUE EU SABERIA QUE DURANTE ESSE PROCESSO DE MATERNIDADE, PRIMEIRO QUE A GENTE PRECISA DE UMA ESTABILIDADE, EU SEMPRE TIVE ISSO, E QUE SE UM DIA EU FOSSE MÃE, EU GOSTARIA DE DAR AOS MEUS FILHOS AQUILO QUE EU NÃO CONSEGUI, INCLUSIVE PARTINDO MUITO POR ESSA QUESTÃO DE AFETO, ESSA QUESTÃO DE CARINHO, DE TER UMA PESSOA QUE PODERIA ACOMPANHAR.

(1'51 ATÉ 2'02) - HOJE A GENTE VÊ PESSOAS, MULHERES, PRINCIPALMENTE, SENDO ABANDONADAS PELOS SEUS PARCEIROS NOS PRIMEIROS MESES DE GESTAÇÃO. ENTÃO, ASSIM, EU ANALISO MUITO ESSA QUESTÃO.

OFF 28: O ANTROPÓLOGO ESTEVÃO EXPLICA QUE NO CONTEXTO DAS ALDEIAS QUE AS FAMÍLIAS SÃO MAIORES O CUIDADO COM AS CRIANÇAS COSTUMA SER DIVIDIDO ENTRE O PAI, A MÃE, OS AVÓS OU IRMÃOS. MAS ISSO NÃO MUDA O FATO DE QUE SÃO AS MÃES QUE PRECISAM ABDICAR DE MAIS TEMPO PARA A CRIAÇÃO DOS FILHOS.

[ENTRA SONORA ESTEVÃO FERREIRA - 2 PARTE DA ENTREVISTA]

(8'34 ATÉ 8'53) - ENTÃO, AS TRAJETÓRIAS SÃO DIFERENCIADAS, NÉ? POR GÊNERO, POR GERAÇÃO, POR TUDO ISSO. E PARA AS MENINAS QUE VÃO ABDICANDO DE SE TORNAREM MÃES, ELAS PODEM ATÉ ESTAR CASADAS, PODEM TER VIDA SEXUAL, ATIVA, OU JÁ PODEM SER SEPARADAS, MAS ABDICAM DE SER MÃE, TEM UMA COBRANÇA PESADA.

(7'01 ATÉ 7'15) INCLUSIVE, TEM UM DIFERENCIAL AÍ. PARA OS MENINOS, SER PAI ALTERA MUITO POUCO NA ROTINA. PARA ELAS, ALTERA MUITO.

OFF 29: A EXPERIÊNCIA UNIVERSITÁRIA PODE TER MUITOS OBJETIVOS, TEM GENTE QUE BUSCA CRESCIMENTO PESSOAL, MUDANÇA DE VIDA OU SE ENCONTRAR NUMA NOVA PROFISSÃO./ POR OUTRO LADO, TEM OUTRAS PESSOAS COMO ESSAS MULHERES QUE ENXERGAM ESSE MESMO LUGAR COMO UMA FORMA DE LUTA E RESISTÊNCIA.

[ENTRA SONORA DE CRISTINA POTIGUARA]

(46'28 ATÉ 46'49) - EU GOSTO MUITO DE DIZER E AÍ TEM UM DITADO POPULAR AQUI NO NOSSO POVO, QUE A GENTE DIZ ASSIM, ANTIGAMENTE, OS NOSSOS ANCESTRAIS, OS NOSSOS ANCIÕES, ELES LUTAVAM COM O

ARCO E A FLECHA, ERAM AS ARMAS DELES. E HOJE, PARA DAR CONTINUIDADE À NOSSA HISTÓRIA, A GENTE TEM QUE LUTAR COM O PAPEL E A CANETA.

(1'02'49 ATÉ 1'03'01) - A NOSSA DEVOLUTIVA AGORA É A GENTE ESCREVER A NOSSA PRÓPRIA HISTÓRIA, PRODUZIR NOSSOS DOCUMENTÁRIOS, USAR O QUE A GENTE TEM DE MAIS NOVO, QUE É ESSA TECNOLOGIA QUE A GENTE TEM, PARA A GENTE PRESERVAR O QUE A GENTE TEM DE ANCESTRAL.

[SOB TRILHA AKÁJU DO NORTE BAIXINHO COM FADE PARA OFF - 2'45 ATÉ 3'09]

OFF 30: NA ALDEIA, OS MAIS VELHOS SÃO EXEMPLO DE FORÇA E SABEDORIA PARA TODA A COMUNIDADE./ PARA JAQUELINE POTIGUARA NÃO É DIFERENTE./ SEU PAI, CONHECIDO NO MOVIMENTO INDÍGENA COMO 'CAPITÃO', É A GRANDE REFERÊNCIA DE SUA VIDA. AO ENTRAR NA UNIVERSIDADE, NUNCA PENSOU EM INVALIDAR O QUE APRENDEU COM ELE. SEU OBJETIVO SEMPRE FOI DIALOGAR O QUE ESTUDAVA ALI COM O QUE JÁ TRAZIA DA SUA VIDA NA ALDEIA

[ENTRA SONORA JAQUELINE POTIGUARA]

(17'34 ATÉ 17'56) - OS DOIS SÃO IMPORTANTES, MAS A GENTE SABE QUE O CONHECIMENTO TRADICIONAL, NO CASO AQUI DO NOSSO POVO, POR EXEMPLO, É O CONHECIMENTO QUE DÁ BASE PARA QUE O CONHECIMENTO CIENTÍFICO ACONTEÇA. PARA QUE TENHAM PENSADORES, PARA QUE TENHAM ESCRITORES, PARA QUE TENHAM CIENTISTAS QUE FALEM SOBRE NÓS, QUE FALEM SOBRE O QUE A GENTE, DE CERTA FORMA, JÁ CONHECIA.

[ENTRA SONORA EVA POTIGUAR]

(36'09 ATÉ 36'35) O CONHECIMENTO ANCESTRAL, EU PENSO QUE É AQUILO QUE ERA REPASSADO DOS NOSSOS ANCIÃOS. OS SABERES E AS NARRATIVAS QUE ELES TINHAM EM RELAÇÃO À CULTURA, EM RELAÇÃO À VIDA, NO COTIDIANO, ÀS LUTAS, PELA RESISTÊNCIA DO TERRITÓRIO, PELA SAÚDE, PELA EDUCAÇÃO, PRINCIPALMENTE NA HISTÓRIA DO NOSSO POVO.

OFF 31: QUANDO EVA ENTROU NA UNIVERSIDADE PERCEBEU QUE AQUELE ESPAÇO PODERIA TRAZER MAIS CONHECIMENTO SOBRE O SEU POVO E SOBRE ELA MESMA. ENTÃO, PASSOU A FAZER PESQUISAS VOLTADAS PARA A REALIDADE DA ALDEIA, BUSCANDO MEIOS DE BENEFICIAR A COMUNIDADE COM O QUE APRENDIA DENTRO LÁ DENTRO.

[ENTRA SONORA EVA POTIGUARA]

(22'36 ATÉ 23'08) - (...) EU SEMPRE BUSQUEI JUNTAR ESSE MEU CONHECIMENTO DO QUE EU TINHA NA MINHA BASE FAMILIAR. COMO TAMBÉM O QUE EU TINHA DENTRO DA UNIVERSIDADE. O QUE É QUE ISSO AQUI VAI TRAZER DE BOM, O QUE ISSO NÃO VAI TRAZER DE BOM. E

TAMBÉM NÃO DEIXEI QUE A UNIVERSIDADE ME TIRASSE AQUILO QUE EU TINHA APRENDIDO. PORQUE TEM MUITA GENTE QUE VAI E DEPOIS ESQUECE DE QUEM É. E EU NÃO QUERIA ISSO, EU QUERIA QUE VALESSE A PENA LEVAR O NOME DO MEU POVO PARA DENTRO DA UNIVERSIDADE.

OFF 32: E AOS POUCOS AQUELE MEDO DE FALAR QUE É INDÍGENA, SE MOSTRAR, ANDAR PINTADO, DE SER QUEM ERAM, FOI SE TRANSFORMANDO NUM MOVIMENTO DE FORTALECIMENTO CULTURAL E DE ENFRENTAMENTO DOS PRECONCEITOS .

[ENTRA SONORA EVA POTIGUARA]

(42'29 ATÉ 42'42) - EU FUI UMA DAS PESSOAS QUE LEVANTOU A BANDEIRA DE QUE MINHA APRESENTAÇÃO, EU SOU INDÍGENA, EU MORO NA ALDEIA FORTE. EU SOU CONHECIDA PELA CHAMADA DE EVA POTIGUARA.

(47'28 ATÉ 47'49) - O MEU LEGADO, ENQUANTO ASSIM QUE EU TROUXE DENTRO DA UNIVERSIDADE, FOI SABER QUE AQUELE INDÍGENA QUE ESTAVA LÁ, QUE NÃO SE RECONHECIA INDÍGENA, QUE NUNCA TINHA FEITO UM RITUAL DO TORÉ, HOJE... ALÉM DE TER PARTICIPADO DO PRIMEIRO RITUAL, HOJE É UMA PESSOA QUE LEVA O MOVIMENTO INDÍGENA NAS COSTAS.

[ENTRA SONORA DE JAQUELINE]

(7'49S ATÉ 8'05) - A GENTE QUER SEMPRE DAR O RETORNO PARA O NOSSO POVO, ESTAR COLABORANDO PARA O NOSSO POVO DE UMA FORMA DIFERENTE. PORQUE NÃO SÓ MEU PAI, MAS DIVERSAS LIDERANÇAS FALAM QUE AS NOSSAS ARMAS DE ANTIGAMENTE JÁ NÃO SÃO MAIS AS MESMAS DE HOJE. A NOSSA ARMA HOJE MAIOR É O CONHECIMENTO.

OFF 33: A UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA FOI CRIADA EM 1955, TORNANDO-SE UMA DAS PRINCIPAIS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR DO ESTADO. /NO INÍCIO, CONTAVA COM SETE CAMPI DISTRIBUÍDOS PELO ESTADO.

COM A CRIAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE, QUATRO DESSES CAMPI PASSARAM A INTEGRAR A UFCG. DESSA FORMA, A UFPB ESTAVA CONCENTRADA EM JOÃO PESSOA, AREIA E BANANEIRAS. EM 2006, PASSOU POR UMA NOVA FASE DE EXPANSÃO COM A CRIAÇÃO DO CAMPUS IV, NO LITORAL NORTE, CONECTANDO AS CIDADES DE RIO TINTO E MAMANGUAPE./ ESSA APROXIMAÇÃO TROUXE UMA NOVA DINÂMICA PARA OS ESTUDANTES DAS ALDEIAS.

[ENTRA SONORA DE CRISTINA POTIGUARA]

(41'10 ATÉ 41'35) SE A GENTE SAI DA ALDEIA PARA A UNIVERSIDADE, POR QUE NÃO TRAZER A ALDEIA PARA A UNIVERSIDADE? SE A GENTE SAI DA UNIVERSIDADE PARA A ALDEIA, POR QUE NÃO FAZER ESSE CAMINHO INVERSO? E AÍ A GENTE COMEÇOU A SE TORNAR AQUELES ALUNOS

REBELDES, SABE? EU LEMBRO MUITO BEM DISSO. PORQUE A GENTE DIZIA, GENTE, A UNIVERSIDADE, O CAMPUS 4, RIO TINTO, ELE ESTÁ DENTRO DO NOSSO TERRITÓRIO, ENTÃO A GENTE NÃO PRECISA, POR EXEMPLO, PEDIR PERMISSÃO PARA A GENTE... DE MAIS... DANÇAR UM TORÉ.

[ENTRA SONORA ESTEVÃO - 2 PARTE DA ENTREVISTA]

(1'57 ATÉ 2'23) -A UNIVERSIDADE TEM QUE SE ABRIR NOS SEUS DIFERENTES FLANCOS, NAS SUAS DIFERENTES FRENTES, PARA ESSAS DEMANDAS DOS POVOS INDÍGENAS, QUE SÃO DEMANDAS DIVERSAS, HETEROGÊNEAS, COMPLEXAS. E AÍ NÃO MAIS AQUELA EDUCAÇÃO QUE CHEGA E QUE IMPÕE, QUE INVENTA RITUAIS. NÃO, AGORA É O CONTRÁRIO. AGORA, É O TORÉ QUE CHEGA E INTERROMPE A AULA DA UNIVERSIDADE. PORQUE O TORÉ TAMBÉM É CONHECIMENTO.

OFF 34: O PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL, O PET INDÍGENA, É UM DESSES MOVIMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO QUE ALTERARAM A DINÂMICA DENTRO DAS UNIVERSIDADES. O PROJETO DE EXTENSÃO DESENVOLVIDO POR PROFESSORES E ALUNOS DA UFPB REÚNE ATIVIDADES DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO./ LEMBRA DA ESTUDANTE DE ECOLOGIA SAMIRA POTIGUARA QUE FALAMOS LÁ NO COMEÇO? ELA É UMA DAS BOLSISTAS DO PROJETO.

[ENTRA SONORA SAMIRA POTIGUARA]

(3:53 ATÉ 4'34) CADA INTEGRANTE DO PET, ELE É RESPONSÁVEL POR DESENVOLVER UMA PESQUISA INDIVIDUAL, ALÉM TAMBÉM DE DESENVOLVER OFICINAS PARA LEVAR, NÉ, ESSAS ATIVIDADES, TANTO PARA A COMUNIDADE ACADÊMICA, QUANTO NAS COMUNIDADES INDÍGENAS. COM ISSO DENTRO DO PROGRAMA, NÉ, A GENTE LEVA ESSES SABERES DO NOSSO POVO PARA A UNIVERSIDADE E TAMBÉM RETORNAMOS COM OS NOVOS CONHECIMENTOS PARA FORTALECER A NOSSA COMUNIDADE. ENTÃO, O PET INDÍGENA TAMBÉM, ELE É UM APOIO PARA O ALUNO INDÍGENA, NÉ, QUE ESTÁ INGRESSANDO NA FACULDADE, QUE CHEGA ALI DE PARAQUEDAS.

OFF 35: PARA A ESTUDANTE DO CURSO DE ANTROPOLOGIA DA UFPB, LAYANE POTIGUARA, INICIATIVAS COMO ESTA VÃO MUITO ALÉM DA UNIVERSIDADE E DOS ENSINOS TRADICIONAIS./ SÃO UMA OPORTUNIDADE DE TRAZER ALGUM RETORNO DE VOLTA PARA A COMUNIDADE. /

[ENTRA SONORA LAYANE POTIGUARA]

(8'40 ATÉ 9'38) ENTÃO, ESSES PROJETOS VÊM ME AJUDANDO MUITO, NÃO SÓ EM RELAÇÃO A, ENQUANTO UMA MULHER NA UNIVERSIDADE, MAS NESSA CONSTRUÇÃO PESSOAL TAMBÉM. EM RELAÇÃO À DEVOLUTIVA, É O QUE MAIS EU PENSO E ME COBRO, PORQUE ACREDITO QUE QUANDO VOCÊ ALCANÇA UM OBJETIVO, EU ESTAR NA UNIVERSIDADE E PERMANECER, E FIM DAR, NÉ, CHEGAR, FECHAR ESSE CICLO DE TÉRMINO, NÉ, DE

APRESENTAR A TCC, E DE PASSAR PARA OUTRA ETAPA, NADA É INDIVIDUAL. EXISTE O MEU ESFORÇO PESSOAL, MAS EXISTEM PESSOAS QUE ME AJUDARAM A SER POSSÍVEL ESTAR AQUI.

OFF 36: A DEVOLUTIVA QUE AS ESTUDANTES LAYANE E SAMIRA FALAM É UM REFLEXO DO QUE A PROFESSORA JAQUELINE VEM TENTANDO APLICAR NA PRÁTICA COM OS ALUNOS./NA SALA DE AULA, ELA BUSCA UNIR OS CONTEÚDOS ESPECÍFICOS DAS DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS AOS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS DA ALDEIA, APROXIMANDO OS ESTUDANTES DA COMUNIDADE E DE SUAS RAÍZES

[ENTRA SONORA JAQUELINE POTIGUARA]

(20'55 ATÉ 21'35) - NUMA EXPERIÊNCIA MINHA DE ESCOLA, EU POSSO FALAR QUE EU TRABALHO MUITO ESSE CONHECIMENTO TRADICIONAL DENTRO DA SALA DE AULA. SEJA EM ATIVIDADES QUE EU REALIZE, EU TENTO SEMPRE ALINHAR A BNCC A ESSA PARTE DIVERSIFICADA, TRAZER, APROXIMAR OS ESTUDANTES CADA VEZ MAIS PARA DENTRO DAS COMUNIDADES. ENTÃO, SE EU PASSO UMA ATIVIDADE, EU PASSO SEMPRE PENSANDO, VAMOS PESQUISAR COM O MAIS VELHO, SABER SOBRE A HISTÓRIA DAS PLANTAS MEDICINAIS, POR EXEMPLO, VAMOS SAIR AQUI UM POUCO DO LIVRO E VAMOS PARTIR. VAMOS PARTIR PARA A COMUNIDADE, VAMOS PESQUISAR, VAMOS FAZER UMA AULA DE CAMPO.

[SOB SOM QUE REMETE A IDEIA DE PROGRESSÃO]

OFF 37: COMEÇAMOS A NOSSA HISTÓRIA COM DONA CLEIDE, A PROFESSORA LÁ DO INÍCIO, ACOMPANHAMOS AS DIFICULDADES DELA PARA ESTUDAR, QUE MESMO COM TÃO POUCOS RECURSOS, CONSEGUIU AJUDAR TANTAS PESSOAS A LER E ESCREVER./

[ENTRA SONORA DONA CLEIDE]

(31'19 ATÉ 31'52) - FICO ASSIM IMAGINANDO EU, AQUELA MENINA QUE NASCI... DE UMA FAMÍLIA TÃO HUMILDE. E COMO É QUE SE DIZ? ESTUDEI UM POUCO. E PASSEI ISSO PARA OUTRAS PESSOAS. E HOJE EM DIA VEJO CADA DIA CRESCENDO. CADA DIA CRESCENDO. GRAÇAS A DEUS. EU ME SINTO MUITO ORGULHOSA. DE VER ISSO. CADA DIA CRESCENDO. E BOTANDO OS OUTROS PARA CRESCER, TAMBÉM.

OFF 38: TAMBÉM CONHECEMOS AS PROFESSORAS EVA E JAQUELINE POTIGUARA, MULHERES COM TRAJETÓRIAS DIFERENTES E AO MESMO TEMPO SEMELHANTES, QUE AJUDARAM A LEVAR O NOME DOS POTIGUARA PARA ALÉM DA ALDEIA. // A HISTÓRIA DESSAS MULHERES TRAZ ESPERANÇA, DO VERBO 'ESPERANÇAR' DE QUE FALA O EDUCADOR BRASILEIRO PAULO FREIRE, QUANDO DIZ QUE TER ESPERANÇA NÃO É SÓ ESPERAR QUE ALGO MUDE. ESPERANÇAR É SE LEVANTAR, CONSTRUIR, NÃO DESISTIR. É SEGUIR ADIANTE, JUNTO COM OUTROS, PARA TRANSFORMAR A REALIDADE.

RETIRAR A TRILHA ABAIXO

[SOBE SOM AKÁJU DO NORTE - CLARA POTIGUARA] - [0'00 ATÉ 0'05]

OFF 39: ESTE DOCUMENTÁRIO É RESULTADO DO MEU TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE JORNALISMO PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA E TEM A ORIENTAÇÃO DO PROFESSOR JÚNIOR PINHEIRO.

EU SOU VITÓRIA SIQUEIRA, RESPONSÁVEL PELA PRODUÇÃO, ROTEIRO E NARRAÇÃO. A EDIÇÃO É DE HERBERT ALVES E EDIÇÃO DE TEXTO DE GUILHERME BEZERRA.

OFF 40: GOSTARIA DE AGRADECER A JU POTIGUARA QUE ME AJUDOU DURANTE OS DIAS QUE ESTAVA EM BAÍA DA TRAIÇÃO. OBRIGADA, JU, ESSE TRABALHO NÃO TERIA SIDO POSSÍVEL SEM A SUA AJUDA. AGRADEÇO TAMBÉM A DONA CLEIDE, EVA, JAQUELINE E CRISTINA POR ME PERMITIREM CONTAR A HISTÓRIA DE VOCÊS! ESPERO VER TODAS LOGO EM BREVE!

[SOBE SOM AKAJÚ DO NORTE - CLARA POTIGUARA] 3'40 ATÉ 4'0

ANEXO – TERMOS DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E SOM

Eu, Eva Tânia Viana Cavalcante, nacionalidade brasileira, nascido (a) em 26 de fevereiro de 1987, estado civil casada, profissão professora, portador (a) do RG nº 004271630, inscrito (a) no CPF sob nº 08038841417, residente e domiciliado a Rua: Aldeia Forte , s/n, Bairro: Zona rural, CEP: 58.295-000, município de Baía da Traição, UF Paraíba, AUTORIZO o uso de minha imagem e voz para a produção de um documentário seguido de relatório, com fins de aprovação acadêmica da aluna Vitória Eduarda Siqueira Galdino, residente da Rua Professor Josué da Silveira, nº 190, Bairro: Ernesto Geisel, CEP: 58075020, município de João Pessoa, UF PB, portadora da Cédula de Identidade RG nº 4.332.462 inscrita no CPF sob o nº 118.957.774-70, na disciplina TCC II do curso de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da voz e imagem. A autorização cessará ao tempo em que for solicitada a descontinuidade da cessão dos direitos de imagem e voz, cuja utilização foi autorizada em outro momento. A autorização neste termo especificada é gratuita e por prazo indeterminado. Por ser esta a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada seja reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.


Assinatura do declarante

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E SOM

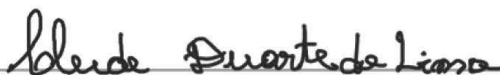
Eu, Jaqueline Ciriaco da Costa, nacionalidade brasileira, nascido (a) em João Pessoa, estado civil casada, profissão professora, portador (a) do RG nº , inscrito (a) no CPF sob nº residente e domiciliado a Av/Rua: Aldeia Forte, nº s/n, Bairro: Zona rural, CEP: 58295000, município de Baía da Traição, UF Paraíba, AUTORIZO o uso de minha imagem e voz para a produção de um documentário seguido de relatório, com fins de aprovação acadêmica da aluna Vitória Eduarda Siqueira Galdino, residente da Rua Professor Josué da Silveira, nº 190, Bairro: Ernesto Geisel, CEP: 58075020, município de João Pessoa, UF PB, portadora da Cédula de Identidade RG nº inscrita no CPF sob o nº , na disciplina TCC II do curso de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da voz e imagem. A autorização cessará ao tempo em que for solicitada a descontinuidade da cessão dos direitos de imagem e voz, cuja utilização foi autorizada em outro momento. A autorização neste termo especificada é gratuita e por prazo indeterminado. Por ser esta a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada seja reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Documento assinado digitalmente
 JAQUELINE CIRIACO DA COSTA
Data: 23/09/2025 13:31:45-0300
Verifique em <https://validar.itb.gov.br>

Assinatura do declarante

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E SOM

Eu, Cleide Duarte de Lima, nacionalidade brasileira, nascido (a) em 30/06/1950, estado civil viúva, profissão professora, portador (a) do RG nº , inscrito (a) no CPF sob nº , residente e domiciliado a Av/Rua: Aldeia Alto do Tambá, nº 00, Bairro: Aldeia Alto do Tambá, CEP: , município de João Pessoa, UF Paraíba, AUTORIZO o uso de minha imagem e voz para a produção de um documentário seguido de relatório, com fins de aprovação acadêmica da aluna Vitória Eduarda Siqueira Galdino, residente da Rua Professor Josué da Silveira, nº 190, Bairro: Ernesto Geisel, CEP: 58075020, município de João Pessoa, UF PB, portadora da Cédula de Identidade RG nº inscrita no CPF sob o nº , na disciplina TCC II do curso de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da voz e imagem. A autorização cessará ao tempo em que for solicitada a descontinuidade da cessão dos direitos de imagem e voz, cuja utilização foi autorizada em outro momento. A autorização neste termo especificada é gratuita e por prazo indeterminado. Por ser esta a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada seja reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.



Assinatura do declarante

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E SOM

Eu, Cristina de Lima Bernardo, nacionalidade brasileira, nascido (a) em 25/01/1992, estado civil Solteira, profissão professora, portador (a) do RG nº _____ inscrito (a) no CPF sob nº _____, residente e domiciliado a Av/Rua: Aldeia Alto do Tambá, nº Sn, Bairro: Zona Rural, CEP: 58.295.000, município de João Pessoa, UF Paraíba, AUTORIZO o uso de minha imagem e voz para a produção de um documentário seguido de relatório, com fins de aprovação acadêmica da aluna Vitória Eduarda Siqueira Galdino, residente da Rua Professor Josué da Silveira, nº 190, Bairro: Ernesto Geisel, CEP: 58075020, município de João Pessoa, UF PB, portadora da Cédula de Identidade RG nº _____ inscrita no CPF sob o nº _____, na disciplina TCC II do curso de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da voz e imagem. A autorização cessará ao tempo em que for solicitada a descontinuidade da cessão dos direitos de imagem e voz, cuja utilização foi autorizada em outro momento. A autorização neste termo especificada é gratuita e por prazo indeterminado. Por ser esta a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada seja reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Documento assinado digitalmente
 CRISTINA DE LIMA BERNARDO
Data: 23/09/2025 22:58:50-0300
Verifique em <https://validar.itb.gov.br>

Assinatura do declarante

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E SOM

Eu, Estêvão Martins Palitot, nacionalidade brasileira, nascido (a) em 28 de abril de 1979 no Rio de Janeiro/RJ, estado civil casado, profissão professor, portador (a) do RG nº SSP/PB, inscrito (a) no CPF sob nº _____, residente e domiciliado a Av/Rua: Walfredo Bezerra da Silveira, nº 190, Bairro: Jardim Cidade Universitária, CEP: 58052-287, município de João Pessoa, UF Paraíba, AUTORIZO o uso de minha imagem e voz para a produção de um documentário seguido de relatório, com fins de aprovação acadêmica da aluna Vitória Eduarda Siqueira Galdino, residente da Rua Professor Josué da Silveira, nº 190, Bairro: Ernesto Geisel, CEP: 58075020, município de João Pessoa, UF PB, portadora da Cédula de Identidade RG nº _____ inscrita no CPF sob o nº _____, na disciplina TCC II do curso de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da voz e imagem. A autorização cessará ao tempo em que for solicitada a descontinuidade da cessão dos direitos de imagem e voz, cuja utilização foi autorizada em outro momento. A autorização neste termo especificada é gratuita e por prazo indeterminado. Por ser esta a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada seja reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Documento assinado digitalmente
 ESTEVAO MARTINS PALITOT
Data: 22/09/2025 21:57:56-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Assinatura do declarante

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E SOM

Eu, Samira Lima dos Santos , nacionalidade brasileira, nascido (a) em 07/09/2001 estado civil Solteiro , profissão Agricultora, portador (a) do RG nº , inscrito (a) no CPF sob nº , residente e domiciliado a Av/Rua: Aldeia Indígena , nº S/N, Bairro: Aldeia Alto do Tambá, CEP:58295000, município de Baía da Traição, UF Paraíba, AUTORIZO o uso de minha imagem e voz para a produção de um documentário seguido de relatório, com fins de aprovação acadêmica da aluna Vitória Eduarda Siqueira Galdino, residente da Rua Professor Josué da Silveira, nº 190, Bairro: Ernesto Geisel, CEP: 58075020, município de João Pessoa, UF PB, portadora da Cédula de Identidade RG nº inscrita no CPF sob o nº na disciplina TCC II do curso de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da voz e imagem. A autorização cessará ao tempo em que for solicitada a descontinuidade da cessão dos direitos de imagem e voz, cuja utilização foi autorizada em outro momento. A autorização neste termo especificada é gratuita e por prazo indeterminado. Por ser esta a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada seja reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Documento assinado digitalmente
 SAMIRA LIMA DOS SANTOS
Data: 22/09/2025 06:59:13-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do declarante

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E SOM

Eu, Laiane da Silva Avelar, nacionalidade brasileira, nascido (a) em 29/01/2001, estado civil solteira, profissão estudante, portador (a) do RG nº _____ inscrito (a) no CPF sob nº _____ residente e domiciliado a Av/Rua: Rua da Aurora, nº 1754, Bairro: Centro, CEP: 58297-000, município de Rio Tinto, UF Paraíba, AUTORIZO o uso de minha imagem e voz para a produção de um documentário seguido de relatório, com fins de aprovação acadêmica da aluna Vitória Eduarda Siqueira Galdino, residente da Rua Professor Josué da Silveira, nº 190, Bairro: Ernesto Geisel, CEP: 58075020, município de João Pessoa, UF PB, portadora da Cédula de Identidade RG nº _____ inscrita no CPF sob o nº _____ 70, na disciplina TCC II do curso de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da voz e imagem. A autorização cessará ao tempo em que for solicitada a descontinuidade da cessão dos direitos de imagem e voz, cuja utilização foi autorizada em outro momento. A autorização neste termo especificada é gratuita e por prazo indeterminado. Por ser esta a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada seja reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Documento assinado digitalmente
 LAIANE DA SILVA AVELAR
Data: 21/09/2025 18:27:29-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Assinatura do declarante